

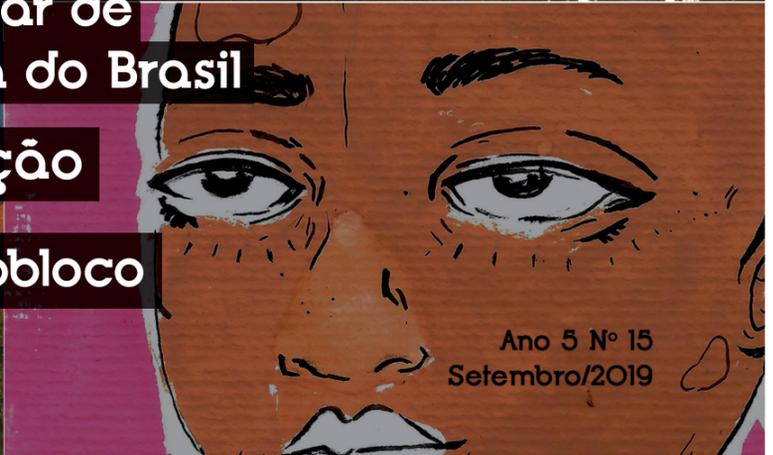
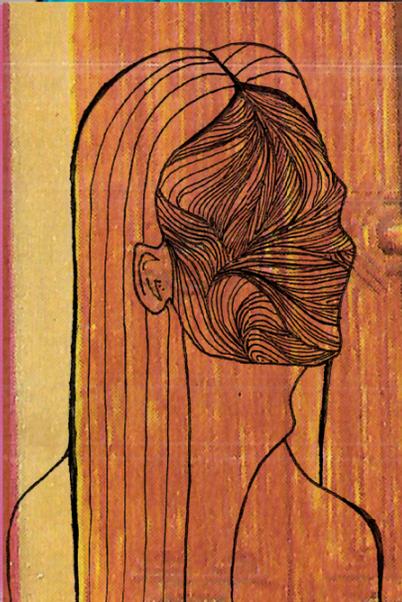
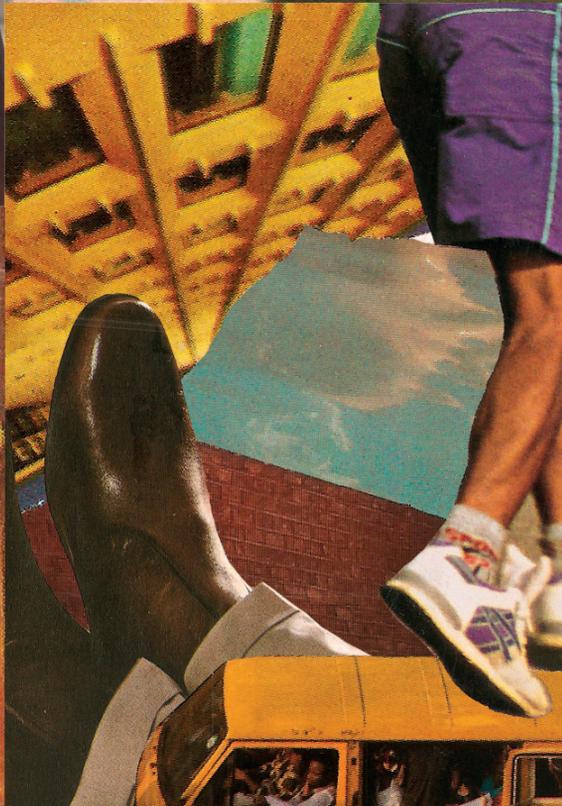
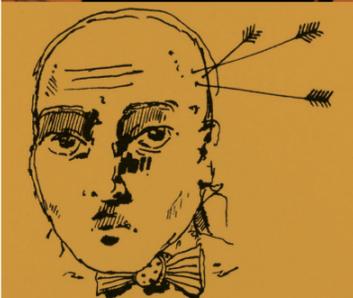
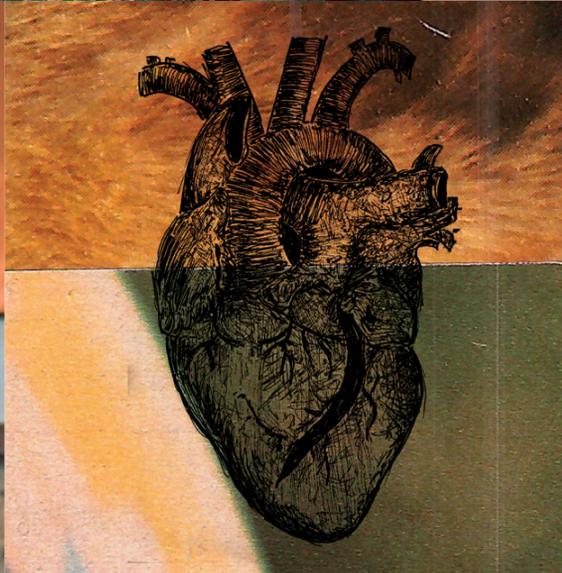


ágora

cultura
política
direito



ágora



Museu Nacional, lugar de
memória da história do Brasil

Feminismo é revolução

Entrevista com Monobloco

Ano 5 Nº 15
Setembro/2019



ágora

Missão

Ágora é uma revista estudantil criada na FGV Direito Rio. Fundada em 2014, sua missão é criar um espaço fértil para novos pensadores e novas ideias. Queremos desmistificar o conhecimento no ambiente universitário, eliminando o formalismo desnecessário e democratizando o poder de expressão.

Vimos para preencher o vácuo da ausência de um meio de comunicação sério e ao mesmo tempo acessível, feito por e para quem quer saber e fazer mais.

Ágora: quem lê, faz.

Expediente

Ana Clara Jansen

Editora-chefe

Beatriz Vergette

Diretora executiva

Equipe

Ana Clara Jansen, Beatriz Vergette, Daniel Rocha, Eva Tardin, Gabriel Rogenfisch Quintans, Giovana Lidizia, Isabella Marins, Julia Martel, Júllia Correia, Mariana Plácido, Saulo Rocha e Tayne Miranda.

Colaboraram com este número

Ana Beatriz Mazzei, Anna Barbara, Beatriz Costa, Bernardo Albernaz, Bianca Oliveira Gonçalves Gomes, Bruna Diamand, Bruna Esteves, Clara Svartz, Fernanda Abreu, Gabriel Rogenfisch Quintans, Gabriela Nunes, Giovana Lidizia, Giovanna Sartori, Juliana das Mercês Linhares, Leonardo Macedo, Maria Eduarda Fonseca, Paloma Romeiro Comparato, Rômulo Predes Monteiro da Cunha, Sarah Angel e Sofia Mandelert.

Ficha técnica e licenciamento

Ilustradores

Joana Uchoa, Perpétuo, Juliana Barbosa, Caio Guerra, Clara Barros, Isabella Aparício, Amauri, Marília Arruda, Isadora Dutra, e Isabela Bueno;

Designer Gráfico

Gisele Eiras

Projeto Gráfico

Gisele Eiras, Clara Barros e Waldo Ramalho

Patrocínio

FGV DIREITO RIO

Os textos desta obra são publicados através de uma licença

Creative Commons BY-NC-SA 3.0

Assim, você tem o direito de Compartilhar e Adaptar este material, de acordo com os termos da seguinte licença jurídica:

creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/br/legalcode

ISSN 2447-2662



Edição 15 | Setembro 19

Índice

05

Antes arte do que nunca

09

Eu queria te escrever
uma carta de amor

13

Desculpas

14

A Oliveira

15

A Judicialização dos Afetos

16

Prazer, novo eu

17

(Ex)-futuro-atual

18

Descoberta

19

Feminismo é revolução

20

A escolha de Shiva

22

Manifesto pelo acaso

24

Rodoviária

26

Um pedaço do meu Eu

27

Era uma vez uma Grande Escola

29

Obrigada pelos livros

31

África tradicional e Guerra Civil
Moçambicana na obra de Mia Couto

34

Museu Nacional, lugar de
memória da história do Brasil

37

O Dono da Festa: Regendo
o Maior Espetáculo da Terra

Para colaborar com a **Ágora** é simples!

Acesse o nosso site para ler o guia e envie sua colaboração para agorafgv@gmail.com

 www.revistagora.com

 [@revistagora](https://www.instagram.com/revistagora)

 [facebook.com/revistaagorafgv](https://www.facebook.com/revistaagorafgv)

 [@revistagora](https://www.twitter.com/revistagora)

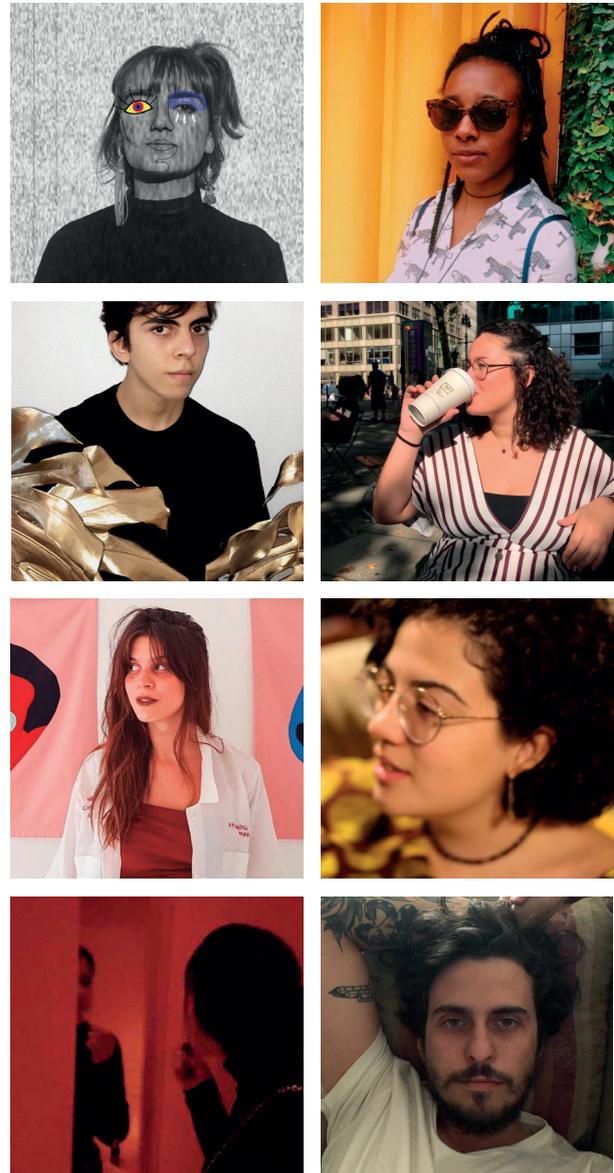
ARTISTAS DESTA EDIÇÃO

Nesta 15ª edição, pensamos em fazer algo diferente. Como somos uma equipe que usa qualquer motivo para inventar uma comemoração, ao invés de escolhermos apenas um ilustrador, decidimos juntar, nesta Revista, todas as ilustrações das nossas outras edições que funcionaram também como revista galeria (edições 05 a 14). Essa é uma forma não só de comemorar a 15ª Revista Ágora, mas também de agradecer aos ilustradores que ajudaram o nosso projeto até então.

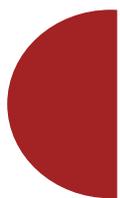
A Ágora não é só um veículo da arte literária, mas também da arte gráfica. Sem nossos ilustradores, não seríamos Ágora.

Aproveitamos a oportunidade também para agradecer a Waldo Ramalho, nosso *founding father* e desenvolvedor do primeiro projeto gráfico da Revista; à Carine Ferreira, nossa primeira designer gráfica; à Clara Barros, nossa primeira diagramadora; e, por fim, à Gisele Eiras, nossa diagramadora atual.

Muito obrigada por tudo!
Ana Clara Jansen



Lembrando que para a Revista Ágora as ilustrações são tão importantes quanto os textos! Cada edição é ilustrada por um único artista, transformando a revista em uma galeria. Por consequência, as ilustrações não são necessariamente relacionadas aos artigos, mas obras de artes por si só. Aproveite!



Editorial

Caros leitores,

Escrever sobre a *Ágora* não é tarefa fácil, especialmente porque o espaço reservado à equipe para traduzir a edição e a revista é tão pequeno. Como tantos que vieram antes, me encontrei rodeada por 14 revistas abertas nas páginas dos editoriais e por um documento em branco, que esperava ansiosamente o meu diagnóstico sobre a edição 15.

Falar dessa revista é falar de todas as outras; é falar do seu nascimento há 5 anos e de todas as vezes que renasceu, trimestralmente. É falar da vontade, concretizada em 2014, de ampliar o acesso à escrita, à arte, à política e à cultura. E também falar um pouquinho de carnaval (por que não?), como vocês verão em algumas páginas mais pra frente.

Até chegarmos à nossa 15ª edição, muito mudou. Do nosso design gráfico ao modelo de revista galeria, passando pelos eventos boêmios pelos bares e botafogo e pelas playlists temáticas no spotify. Chegando, finalmente, na nossa equipe, que não só muda em membros (que deixam saudades intermináveis), mas que muda conforme o tempo passa, conforme carnaval vira festa-junina, conforme as publicações surgem e aprendemos mais todos os dias, na busca por melhorar a cada *Ágora*.

Na *Ágora* a gente se descobre. A gente aprende sobre o outro e sobre si. Descobrimos poetas, fotógrafos, autores e acadêmicos, mas também editores, marketeiros, produtores culturais e designer de produtos. Contagiamos um prédio cinza a receber fitas coloridas e murais de arte na parede. Desafiamos o público a se encantar pelo R&B brasileiro.

E tudo isso porque a *Ágora* não é estática: amadurece, avança e conquista. Está em constante renovação e metamorfose, no site, no IMS, na Blooks Livraria, e nas mesinhas do nono e do oitavo andar – onde nós ainda ficamos de olho e vibramos toda vez que alguém pega uma revista pra ler.

Seja bem-vinda, *Ágora* 15, resultado final de 14 revistas, 10 ilustradores, 5 anos e um time de mais de 30 pessoas: os que já passaram por aqui e construíram o nosso projeto desde muito novo, e quem continua aqui, mergulhando de cabeça nas nossas novas ideias e novas vontades.

A quem lê e a quem faz: meu muito obrigada. Aproveitem cada página e eu espero que vocês se apaixonem tanto quanto eu.

Com muito carinho,
Beatriz Vergette





Antes arte do que nunca

Carta de Despedida

*meu amor,
vou tentar finalizar esta carta e, junto a
ela, nossa história.
por muito tempo achei que nosso encontro
fosse possível e carnal, mas hoje enxergo
que não.
há alguns anos vivi idas e vindas; havia me
prometido não ficar mais em um romance
dessa maneira. anos depois aqui estamos,
você me acometeu e por tempos indefinidos
não consegui ver que estava na mesma
situação de sofrimento profundo. mas hoje
enxergo e, mais uma vez,
retiro-me de cena.
demorei para ver que não éramos tanto
assim, e logo, não é você.
quando você fazia assim, ficava quietinho,
eu quase conseguia te esquecer. às vezes
estava até certa disso. mas a verdade é que
não consigo não lembrar de você.
estou cansada.
estou me despedindo porque preciso
sobreviver e não voltarei mais porque cansei
de sofrer.
ontem me jurei amor eterno.
é a última vez que escrevo para ti.
não tenho mais palavras.*

*- de Mim em despedida a tu.
(fogos de artifício estouraram em minha
janela após o término desta carta. será um
sinal de libertação? é, me jurei).*

Por Giovana Lidizia
Estudante de Produção Cultural do 4º período
da Universidade Federal Fluminense



Banho

*Eu queria que minhas cicatrizes saíssem
Com sabão*

*Eu queria que meus pesadelos sumissem
Com sabão*

*Eu queria que os erros que fiz ao longo
da vida*

As rasuras

As misuras

As ranhuras

Saíssem com sabão.

Que as bolhas estourassem pretas

Que o azulejo tingisse preto

Que a água escorresse preta

*Pelas minhas pernas para o ralo e de lá para
algun*

lugar que nunca soube onde é mas que não

Me aflija!

Que a alma restasse transparente

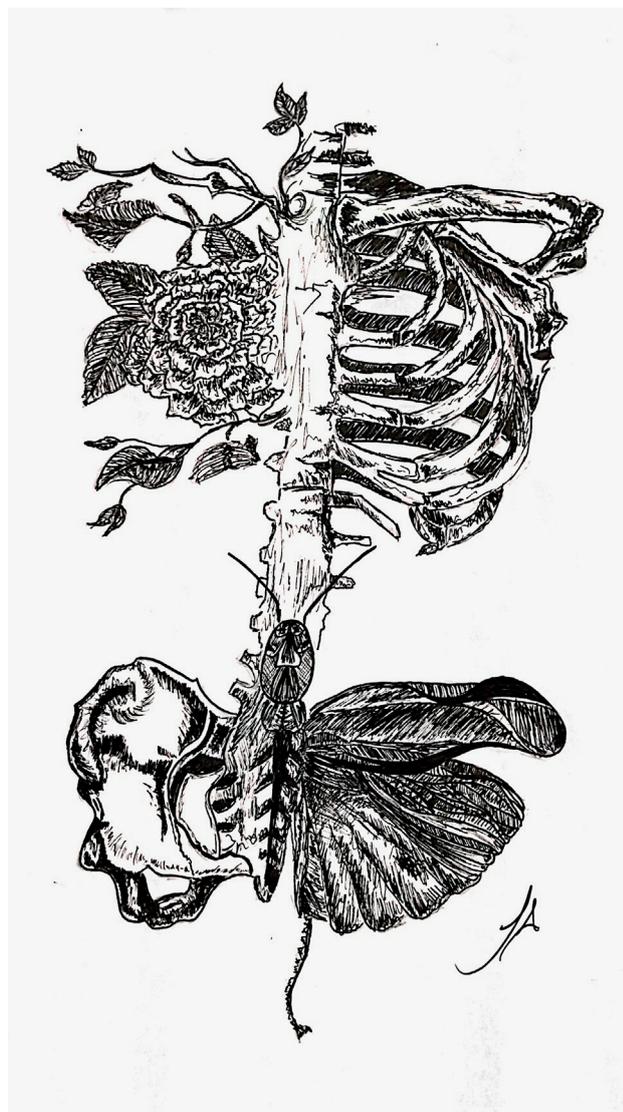
Límpida

Translúcida como minhas intenções

No corpo

E eu não mais arrastasse

Essas penas desmedidas e marcas vitalícias



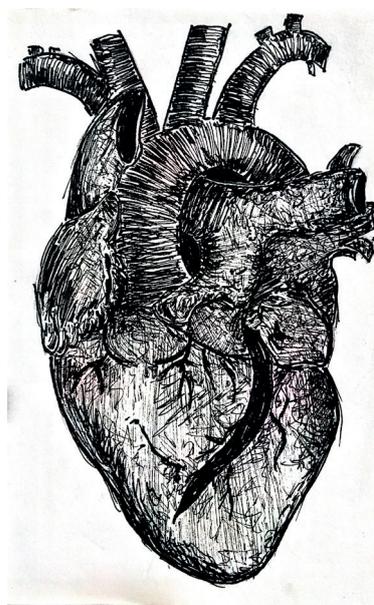
Por Sofia Mandelert

**Estudante do 10º Período de Direito na
Fundação Getúlio Vargas**

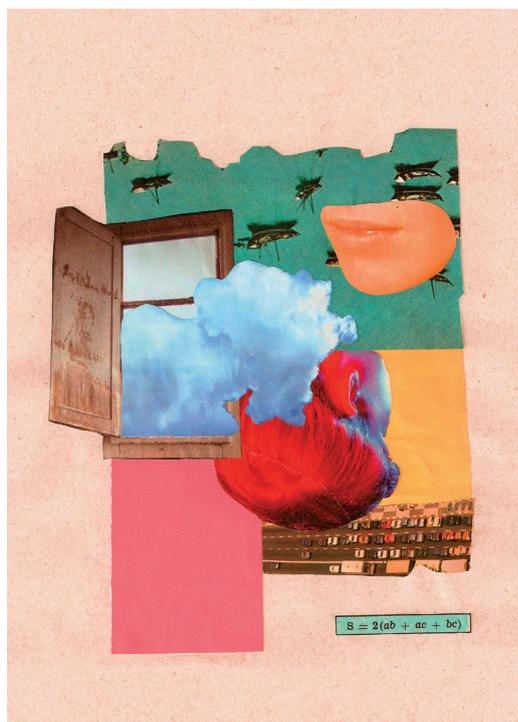
Influência Poética

*Quando era criança
Me lembro
Que mediamos o infinito
Com alguns intervalos.
Por exemplo:
Gosto de você
Da terra à lua
E voltando.
Naquela época,
Isso parecia o bastante
Para o que precisávamos
Medir.
No entanto,
Hoje em dia,
Falar que te desejo
Essa mesma distância
É quase ofensivo.
A lua é muito perto,
Comparado
Ao quanto te quero.
Por isso,
Foram se complicando
Mais as medidas.
Criaram-se os versos,
Os sonetos,
As rimas.
Tudo tentando
Explicar o inexplicável.
Por isso,
De uma hora para outra,*

*Eu poderia te dizer:
Quero-te,
Como se todas as paixões
Fossem um prelúdio
De teus passos.
Quero-te,
Como se esperasse por ti,
Mesmo sem sequer
Pressentir a tua vinda.
Quero-te,
Como os pássaros
Querem o voar
Ou as pessoas
Querem se entender.
Quero-te,
Como se a cama gritasse*



*A tua ausência,
O espelho
Simulasse o teu corpo,
A casa
Sufocasse
Em teu silêncio.
Quero-te,
Como se teu corpo
Fosse a fonte
De toda a existência,
O cântaro da paz,
O altar do desejo.
Talvez,
Te dizendo assim,
Rápido e urgentemente,
Parecesse bastante.
Mas não o é.
O que sinto
É intraduzível,*



*Angustiante.
Nenhum verso
Seria capaz de explicar
O quanto te quero bem,
Passando meus dedos
Pelo seu cabelo,
Para que durmas,
Banhada em carícias.
Nenhum verso
Seria capaz de explicar
O quanto anseio
Conhecer cada detalhe teu,
Cada certeza e dúvida,
Cada medo e coragem.
Porque és,
Ao fim e ao cabo,
Um filme.
Um constante enredar
De cenas espontâneas,
Em um incensurável
Improviso.
O teu riso
É a essência da alegria,
Porque ri com a alma
E corpo inteiros.
Porque não simulas
Nem mesmo
A mínima parte do que sentes,
Ainda que fosse,
Vez ou outra,
Prudente a simulação.
Não importa.
És,
Em ti e por meio de ti,*

*A substância de tudo que vibra,
Pois o teu riso
É o teu riso
E o teu choro
É o teu choro,
Jamais fingindo ser
O que não é.
Por isso,
Te admiro
E te adoro
Por inteira.
Da cabeça aos pés,
Em cada detalhe do teu ser.
Porque a tua beleza,
Não é maior ou menor
Do que as outras belezas.
Ela é incomparável.
Seria um absurdo
Torná-la relativa.
O teu ritmo de andar,
Carregando consigo
Os meus olhos,
É irresistível tática.
Em especial
Quando me viras a cara,
De leve,
Como se não estivesse
Sequer olhando.
Porque deitar contigo
É estar em casa,
É sentir-se em paz,
Pois aquela,
Que aqui deveria estar,
Chegou.*

*E tudo o mais
Se torna secundário,
Banal,
Indiferente.
Por isso,
Nenhuma medida
De infinito
Me socorre.
Porque rasgaste
Qualquer conceito
De exagero
Que eu conhecia.
Porque te quero aqui,
Como te quero aqui.
Nada,
Nada mais,
É tão essencial.
Porque se tornaste,
De um segundo
Para o outro,
A própria definição
De sentir.*

Por João Pedro Vasconcellos
Estudante do 8º período de Direito na
Fundação Getúlio Vargas



Resignação

*Você cresceu,
tem mais pelos no rosto
e está mais forte
desde a última vez que meus olhos
cruzaram com os seus.
Também tenho certeza de que começou a
beber.
(minhas certezas são meros palpites)
e fazer coisas que antes desaprovávamos.
Tudo bem.
Eu mesma mudei mais do que o corte de
cabelo neste meio-tempo.*

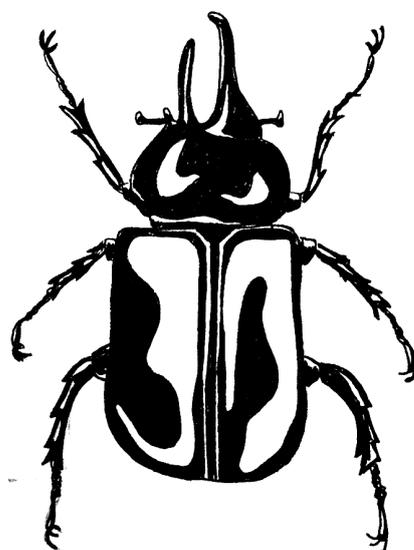
*Fazia frio na noite em que te conheci.
Éramos duas crianças brincando de tentar
entender o mundo,
tentar entender a distância
e sentimentos inoportunos.
Seu riso ainda era fácil
e o futuro parecia distante.*

*Agora, cá estamos.
Começo a universidade de direito no verão.
E você vai defender uma bandeira.
Uma pátria.
Na qual respeito, mas
feliz ou infelizmente
não pertencço.*

*Certos caminhos confio nas mãos de Deus.
Ou do destino, se preferir.
Mas continuo nutrindo a sensação de que
somos linhas paralelas que insistem em se
cruzar.*

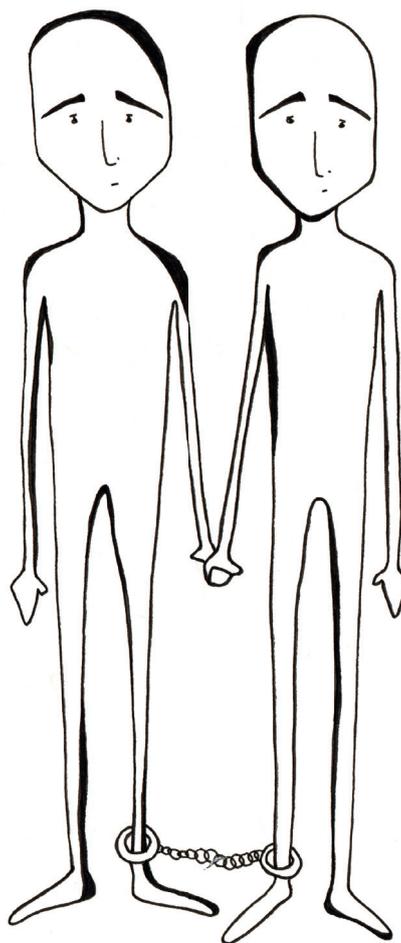
Segunda-feira, 18 de junho de 2018

Por Maria Eduarda Fonseca
Estudante do 2º período de Direito na Fundação
Getulio Vargas



Se perdeu

*E foi assim que aconteceu:
Beijos roubados,
Olhos ligados,
Calor de seus braços,
Você era meu.
E por um instante,
Ganhei um amante,
Seu amor, diamante,
A sortuda era eu.
Mas transformou em um estalo,
O presente em passado,
Depois de tantos calos
Você me perdeu.
Nossas brigas, amargura
Nosso amor, loucura
E sigo insegura
Pelos lábios teus.
Voltamos, quebramos
E continuamos
Essa mesma brincadeira
Que nenhum de nós sequer esclareceu.
Suspiros falantes
Dos mesmos de antes
Que permaneciam distantes
A paixão se perdeu*



Por Clara Svartz
Estudante do 2º período de Direito na Fundação
Getúlio Vargas



Eu queria te escrever uma carta de amor

Por Gabriela Nunes

Eu queria te escrever uma carta de amor.

Sentei aqui pra isso. E... É estranho, mas agora não faria sentido. A verdade é que eu queria escrever uma carta de amor - e eu queria ter alguém a quem direcioná-la.

Você foi o rosto que eu dei ao personagem principal dos meus sonhos: “o amor da minha vida”.

Foi em você que eu encontrei a minha representação da “redução do universo a uma única criatura” e da “dilatação de um único ser até Deus”, como o Victor Hugo me fez acreditar que o amor genuíno deveria ser.

Ah! Como eu me sentia sortuda por, tão cedo, já ter encontrado o amor da minha vida! Tanta vontade; Tanta ilusão; Faltou verdade; Foi “só” emoção. Os meus sonhos continuam sendo os mesmos, mas você não se encaixa mais neles. Sim,

há um vazio. Mas os meus sonhos continuam sendo os mesmos. O que me dói não é não mais conseguir preenchê-los com você. Não é você o que eu está faltando e não é você com quem eu quero partilhar o protagonismo da minha vida.

Não é você. Eu pensei que fosse, Mas não é. E tudo bem não ser! (A verdade, sempre é, afinal de contas, libertadora). O que me dói é não mais acreditar que sei a quem atribuirei “meu amor” como vocativo. Pois eu tenho sede de amar. E mesmo sem um nome, Eu continuo a sonhar. - Os meus sonhos continuam sendo os mesmos.

Por Gabriela Nunes
Estudante do 2º período de Direito na Fundação
Getúlio Vargas





Desculpas

Por Leonardo Macedo

Hoje, acordei com um novo propósito. Aliás, mais que isso, fui peremptório: “por decreto, estou alforriado do direito de me desculpar.” Talvez seria pateticamente ingênuo considerar que conseguirei cumprir taxativamente meu novo objetivo. Mas quando se tem um coração de juventude perversa como o das Paralelas, de Belchior, quando se dá um beijo demorado e puro na dor e na glória de existir... ah, viver passa a ser como uma resolução de ano novo, é encontrar razão na querência, e não na obtenção.

Hoje, quero desistir de pedir as minhas pomposas desculpas. Despir-me dos meus arrependimentos. Ficar ao relento. Sentir o doce toque do sopro divino. Mas, com certeza, sem tempo para displicências. É que todos esses agasalhos em formato de palavras e justificativas me fazem superfície. Anseio pela minha injeção, profunda, eficaz, sobretudo, efêmera. Continuar encontrando em cada suspiro uma declaração de amor, um casal apaixonado, um profissional comprometido, uma guerreira dos seus direitos.

Hoje, bebo de tudo, saboreio de nada. Talvez porque já me é deveras amargo o sentimento de ter que procurar as chaves perdidas ao ter que sair de casa. A necessidade move. Mas cá está a beleza de meu manifesto: desprender-me da justificativa é largar o insípido, desprezar o amargo e deliciar-me com o doce (enquanto ainda não encontro minhas chaves). Maria, fique tranquila, já não me autossaboto mais – mas cuspo violentamente a insossidade da indiferença e a coragem está na falta de subserviência.

Hoje, ao fim do dia, canso-me. A chuva lá fora me inunda dentro de casa, e o “luxo radioso de sensações” cobre de sono, cansaço, mesmo após tanto se deleitar: sou humano. Ainda assim,

brinda-me, nesta noite, a ternura do coração apaixonado, a bravura de ter se entregue, todo, por completo. Nesse conforto de casa, diante das ruas perigosas que me cercam, condeno-me a ficar amarrado: entrego-me à eterna espera. Um absurdo, um sacrilégio! Principal e unicamente para alguém que é ansioso pela volúpia do mundo.

Peço perdão por não dar conta de prever o apetitoso, ou, até mesmo indigesto, “amanhã”. A certeza de amar demais me embebeda na imprevisibilidade. E, quando minimizo a minha expectativa, durmo. Por mais que eu me proponha, não dá: É toscamente irrisória a possibilidade de estar devidamente acordado desprovido de Arriscar, de Amar (ainda que a expectativa me embriague apenas com a efemeridade das paixões).

Por Leonardo Macedo
Estudante do 2º período de Administração na
Fundação Getúlio Vargas e do 1º de Direito na
Universidade Federal do Rio de Janeiro





A Oliveira

Por Fernanda Abreu

Certo dia resolvi plantar uma Oliveira e observá-la crescer. Não sei se por vontade de ter uma companhia ou só por curiosidade, mas apenas resolvi por resolver. Escolhi colocá-la num espaço especial na frente da minha janela, para que pudéssemos conversar todos os dias após o toque do meu despertador.

Aos poucos me apaixonei pela pequena muda. Era como o amor de uma mãe pela sua jovem e pequena filha. Ela parecia sempre muito alegre, feliz, pulsante e, principalmente, repleta de vida.

Mal sabia eu que felicidade aparente não é felicidade... acontece que, assim como ideias subitamente consomem mentes tranquilas, uma peste estava consumindo a pequenina pelas raízes.

Ela tentou lutar, mas estava presa ao chão e não podia correr. Aquele mesmo chão que antes lhe dera vida condenou-a à morte. Antes que eu percebesse o que estava acontecendo, os

ventos do destino levaram a essência colorida da minha Oliveira.

Aquela, que devia ser a minha companheira, a planta mais forte e bonita do meu jardim, a minha filha querida, simples e puramente parou de existir. Foi consumida pelas pestes do meu cantinho especial.

A vida é muito estranha, não é mesmo? Em um instante ela está dentro das oliveiras, das macieiras, das borboletas, das pessoas... então, como se fosse num piscar de olhos, ela se foi. Se foi deixando apenas as lágrimas que escorrem do meu rosto, as memórias que não conseguem fazer com que o tempo retorne, à noite repleta de saudade e o frio das folhas secas de uma pulsante Oliveira.

bem-te-vi

Por Fernanda Abreu
Estudante do 4º período de Direito na Fundação
Getúlio Vargas





A Judicialização dos Afetos

Por Juliana das Mercês Linhares

Arthur Schopenhauer foi um filósofo alemão, o mesmo entendia que para o ser humano obter “o puro conhecimento”, era necessário o desvanecimento de qualquer meio de afeto externo, como ele bem alude em uma de suas obras: “a fim de vermos que uma apreensão puramente objetiva e, portanto, correta das coisas, só é possível quando as consideramos sem qualquer participação pessoal, ou seja, sob o completo silêncio da vontade, tornemos presente para nós o quanto todo afeto ou toda paixão turva e falsifica o conhecimento; sim, como toda inclinação ou aversão desloca, colore e distorce não apenas o julgamento, mas já a intuição original das coisas.” (Schopenhauer, A.

O mundo como vontade e como representação. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Ed Unesp, 2005.)

Por mais que no momento presente a atuação do judiciário seja pautada afeiçoada, nas convicções de Schopenhauer há de se espantar a confluência da aplicabilidade de pensamentos tão obsoletos a uma sociedade concebida por laços tão insólitos entre si, que juiz togado de conhecimento jurídico e reputação ilibada seria capaz de compreender laços e relações completamente estranhas ao seu sentir e há mais como seria a credibilidade de um ordenamento jurídico que abrisse brechas para a opinião de um filho, ou de uma esposa que se viu abandonada e que estas pudessem se sobrepor a lei. A constituição é bem clara e rígida quanto ao processo e criação de leis, a brecha existe somente para o político que possui laços com o STF ou com o amigo de golfe do procurador, os laços que construí com meu companheiro, os afetos que tenho com meus pais de criação, esses sim turvam o judiciário e seu bom andamento.

Desse modo a discricionariedade do Juiz fica convenientemente pautada na comodidade de seguir o devido processo legal, a razão opoente à sensibilidade, a judicialização é crescente e os afetos decrescentes, decisões e sentenças são pautadas no bom cumprimento da lei e os sujeitos de direito são somente aqueles que criaram os laços afetivos corretos.



Por Juliana das Mercês Linhares
Estudante do 9º período de Direito na UNIFAMINAS



Prazer, novo eu

Por Bruna Kac Diamand

É impossível encontrar um casal que esteja sempre completamente satisfeito. E a razão pra isso é simples: as pessoas estão constantemente se transformando. Ninguém pode achar uma alma gêmea com quem passar o resto da vida, porque sua alma e a da outra pessoa logo mudarão. Existem dois caminhos apenas: sua compatibilidade pode ou se dissipar ou se adaptar.

Sabendo disso, Sr. e Sra. tomaram uma decisão incomum: quando um deles sentia que sua personalidade estava se modificando, começava a agir como se nunca tivesse conhecido a outra pessoa. Eles se apresentavam um para o outro de novo, e se seus corações se acelerassem nesse momento, eles continuavam juntos.

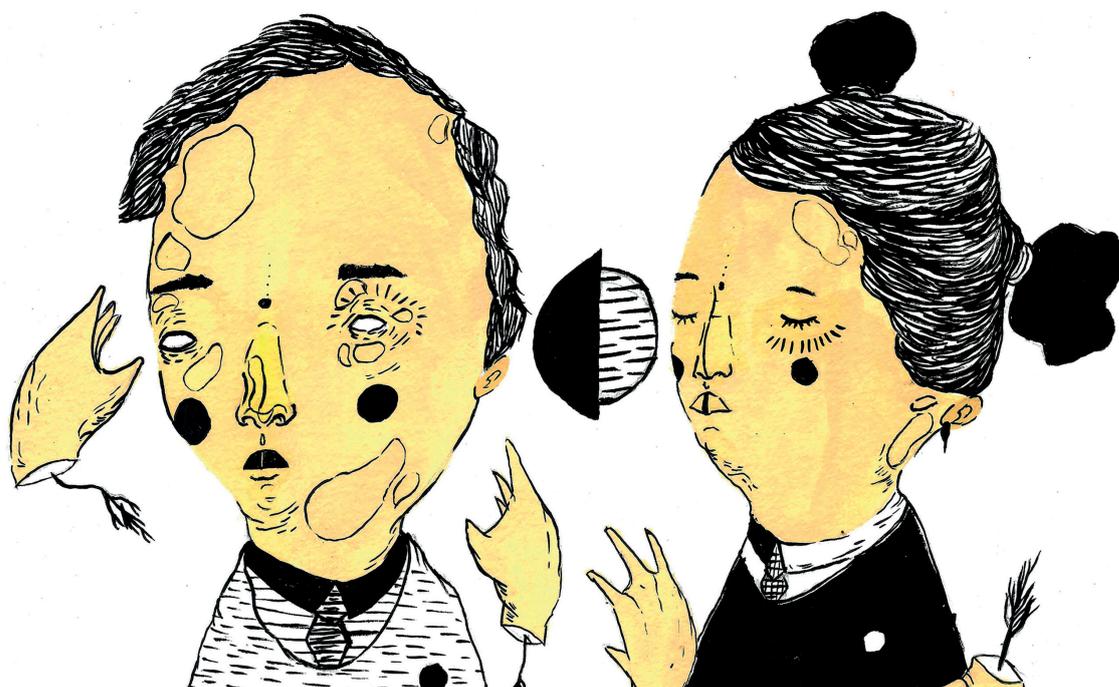
Não dá pra saber como eles continuavam a se sentir da mesma forma um pelo outro independente do quanto mudavam. As partes que se mantinham iguais podem ter sido o bastante para mantê-los apaixonados por todo

esse tempo, ou pode ter sido o fato de sua relação ser sempre uma opção, eu não sei.

No dia em que completariam vinte anos juntos, Sr. (Guilherme naquele momento) deixou um bilhete para Sra. (Clara naquele momento): “Nós estarmos juntos há tanto tempo me faz perceber que minha vida não está mudando tanto de um dia pro outro. Eu quero que as minhas diversas versões pertençam exclusivamente a mim. Porém, por causa do que tivemos, estou te dando a antiga versão de mim mesmo, o para sempre seu Guilherme”.

Sra. chorou. Não porque Sr. havia a deixado, mas porque ela sabia que logo ela se transformaria e não existiria ninguém para se lembrar de Guilherme.

Por Bruna Kac Diamand
Estudante do 1º período de Desenho Industrial
na California College of the Arts





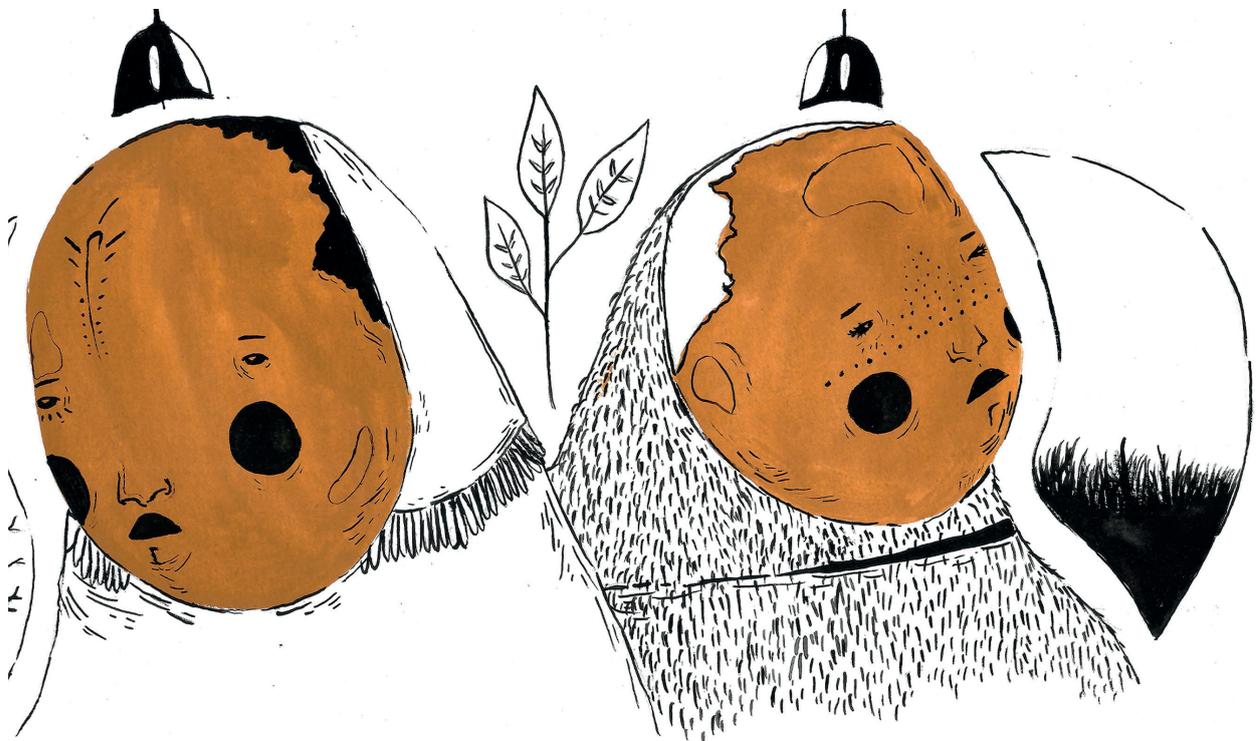
(Ex)-futuro-atual

Por Beatriz Costa

Começa que você descobre que **gosta** do *boyzinho* que era seu **amigo**, mas você é tão **besta** que todo mundo percebe que você gosta do *boyzinho*, provavelmente ele também né, é aquela coisa... aí você sabe de verdade que se ele **quisesse** ficar com você, ele ficava, porque não é possível que ele não tenha reparado o tamanho da bola que você dá pra **ele**... você decide que vai deixar pra lá, que a vida tem que **seguir** e outros *boyzinhos* legais vão aparecer e... ele **sorri**, olha pra você no meio do **nada** e fala que você tá **linda** hoje. Daí você, que já **tava** decidida a **desencanar**, volta a pensar que

vocês terão filhos lindos, vão morar **juntos** no Rio, ficar de **preguiça** nos domingos, que ele vai rir de você gostar de cantar Sandy e Junior no **chuveiro** e **chorar** com as propagandas da Nike. Aí ele vira as **costas**, vai **embora** com a namorada e deixa pra trás o **cheiro** que só ele tem, ele e algum **cara** muito escroto no ônibus que não tem nenhum respeito pelas **dores** de cotovelo **alheias**.

Por Beatriz Costa
Estudante do 3º Período de Comunicação
e Multimeios na PUC-SP





Descoberta

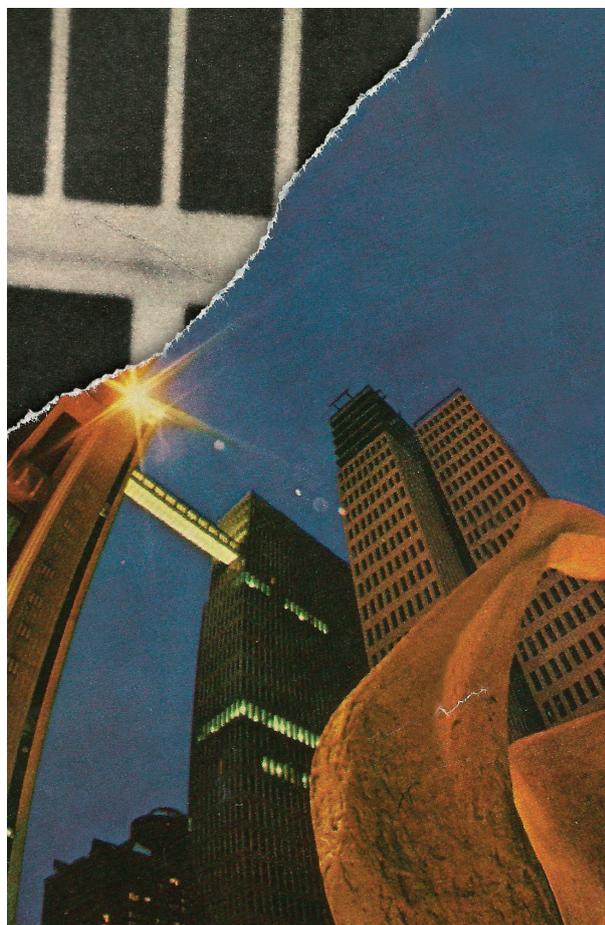
Quando pequena, queria ser pássaro. Sendo essa ideia incomum, costumavam me perguntar o porquê. Gostava das asas, das cores e, apesar de ainda não saber, gostava da liberdade.

Já mais velha, percebi que o sonho acabou-se: era impossível voar.

Quis depois ser muitas coisas, que não perdiam em matéria de subjetividade mas ainda não eram eu – o eu que eu desejava sempre foi pássaro – e por isso deixei de lado o que julguei bobagens.

Seria, então, pés no chão: mulher leoa.

Decidida, busquei interromper os influxos que sempre me levavam ao mesmo, ao meu eu que sonhava com o céu. Deveria me preocupar



com a caça, com o concreto, e a imensidão azul nunca fez mais que encher os olhos.

Já mais rígida e habituada ao crepúsculo, me vi inteira felina. Imperiosa, exibia meus caninos em sorrisos irônicos. Satisfeita, rugia por onde fosse.

Mas eis o secreto terror do imponente: ele é incapaz de cantar e os brados cansam.

Desejando mais, eu gostaria de produzir melodia. Minha voz nunca antes fora tão estranha a mim, tão repugnante, tão cheia daquilo que não parecia ser meu.

Me entreguei ao desespero, já que era leoa e não podia me suportar. Não havia volta, afinal. Teria de ser, sem chances de mudança, já estava atestado. Tonta, enfurecida, faminta por não ceder a meus próprios hábitos, aceitei de bom grado o que me era destino: morri.

A morte, quente, me envolveu como mãe. E me transformou da cabeça aos pés. Me tornei menor, resoluta, e cheia de calor. Me senti flutuar. E, para meu próprio espanto, abri os olhos novamente.

Já não tinha quatro patas e nem desejo por sangue. Já não sabia rugir. Arrisquei verificar-me como um todo e descobri que possuía asas.

Clarificou-se, então, eu já sabia quem me tornara. Após a morte renasci, me fiz pássaro, cantei doce: era fênix.

sempre fui.

Por Sarah Angel
Estudante do 2º período de Direito na Fundação
Getúlio Vargas



Feminismo é revolução

Por Paloma Romeiro Comparato

Bela, recatada e do lar. Esse era o título de uma reportagem da revista *Veja* no dia 18 de abril de 2016, na qual a postura da ex primeira-dama brasileira era elogiada por ser “43 anos mais jovem que o marido, aparecer pouco, gostar de vestidos na altura dos joelhos e sonhar em ter mais um filho com o vice”. Marcela Temer estava sendo elogiada por se comportar da maneira que o patriarcado sempre pregou.

O patriarcado foi construído na História a partir da formação das famílias na Roma Antiga. Essa forma de união de indivíduos estabelecia uma superioridade do pater familiae sobre a mulher, os filhos, os vassalos e escravos. A centralidade da figura do homem era validada pelo Estado. A construção interna das relações familiares se estendeu ao âmbito social e a figura do patriarca não se limitava somente à paternidade, mas sim à masculinidade.

As mulheres por sua vez, eram vistas com funcionalidade: a procriação e o prazer masculino. Diversas culturas antigas reiteraram essa lógica. Na cultura Viking as mulheres eram valorizadas através da quantidade de filhos homens que tivessem. Na antiga Babilônia, o código normativo estabelecia que uma mulher que fosse estéril deveria fornecer uma outra mulher a seu marido para que ele pudesse reproduzir. As diferentes civilizações implantaram o patriarcado, definindo suas especificidades de maneira adequada às suas crenças e instituições em particular.

A consolidação da propriedade privada fez com que os homens passassem a assumir as funções de administradores e executores, possuindo o monopólio da política. O desenvolvimento industrial e o auge do capitalismo, por sua vez, se apropriaram da luta contra a construção

histórica da mulher como objeto e mercadoria. As lutas identitárias, incluindo a feminista, ao buscar reconhecimento frente ao Estado, criaram noções concretas de comportamento que foram incorporadas para uso publicitário de capital.

O patriarcado persiste nas relações de poder se constituindo da maneira mais eficaz para a organização social condizente. Por isso, ao defender reformas éticas e pontuais para que o machismo perca forças, as teorias feministas pop contemporâneas se submetem à lógica de um sistema hierárquico de poder entre opressores e oprimidos. Entendendo a construção patriarcal como de base estrutural, não é possível acabar com a opressão de gênero sem mudar a lógica social como um todo.

O feminismo não deveria impor que mulheres devem ou não falar, mas deveria abolir o sistema que impõe que algumas falem e outras não. O feminismo não deveria depender da boa vontade masculina para ser legitimado. O feminismo não deveria demonstrar afeto pela construção hierárquica da sociedade ao desejar participar dela, mas deveria entender que o problema é a existência de uma relação de poder entre gêneros que se constrói em todos os âmbitos da sociedade.

O discurso feminista reformista pode até soar bem aos ouvidos, mas ele é fácil de ser dito e fácil de ser esquecido. Não basta se inserir na lógica de poder atual: as mulheres devem lutar pela destruição do patriarcado em sua existência completa. É tempo para um feminismo revolucionário.

Por Paloma Romeiro Comparato
Estudante do 5º Período de Relações
Internacionais Pontifícia Universidade Católica
de São Paulo (PUC-SP).



A escolha de Shiva

Por Giovanna Sartori

Brahma, Vishnu e Shiva formam a trindade divina do hinduísmo. Como primeiro membro da *trimúrti* hindu, Brahma representa a força de Criação, enquanto Vishnu e Shiva representam, respectivamente, as forças de Conservação e da Destruição (que devem ser entendidas como força de renovação e de transformação).

No início, tudo era escuridão. Os deuses estavam diante de uma mulher que não acreditava ser merecedora de amor. Mergulhada em um grande sono, os deuses sabiam que ela precisava despertar. Representando a força criadora, Brahma criou o primeiro homem. Ele tinha aparência agradável e inteligência surpreendente e, com o consenso de Vishnu, o colocou no caminho da moça. Ela, no entanto, abriu apenas um dos olhos. Desconfiada, não acreditava em nenhum dos gracejos do jovem homem. Brahma, ao ver essa cena, ficou furioso

e retirou o homem do caminho da jovem, uma vez que seu plano não havia surtido efeito.

Vishnu, fiel à Brahma, resolveu conservar seu padrão de escolha e selecionou um homem que possuía as mesmas características. Vishnu acreditava que o segundo homem confirmaria que Brahma estava correto e, finalmente, convenceria a jovem a despertar para o amor. A mulher, ao se deparar com o novo homem, se espreguiçou. Com os dois olhos abertos, ela correu ao seu encontro. Mas parou. Ao se aproximar, viu que o enviado de Vishnu era parecido demais com o pupilo de Brahma. Deu meia volta e voltou a dormir. Vishnu, desacreditado, procurou, nos seus companheiros, acalento. Brahma deu de ombros.

Restava a escolha de Shiva. Na tradição hindu, Shiva é o destruidor, aquele que destrói para construir algo novo, motivo pelo qual muitos o



chamam de “transformador”. Nessa história, ele não poderia admitir papel diferente. Afastou-se de tudo que os primeiros deuses tinham escolhido. Destruiu os padrões anteriormente seguidos e escolheu um novo homem. Escolheu um homem como Nandi. Nandi é o touro branco que acompanha Shiva e é o seu mais fiel servo. É Benevolente, paciente e persistente.

Brahma riu da escolha. Achava que o jovem seria inútil. Apontou seus problemas de saúde e disse que tamanho amor que ele emanava seria capaz de afastar a moça, já que ela não sabia lidar com carinho. O outro ataque partiu de Vishnu que, relacionado fortemente com a água, resolveu implicar com o oceano que separava o homem da moça.

Para convencer as outras deidades, Shiva apontou para seu tridente. No hinduísmo, suas três pontas representam três qualidades: a inércia (*tamas*), o movimento (*rajas*) e o equilíbrio (*sattva*). Brahma e Vishnu atônitos, calaram-se.

O sono da moça representava o *tamas*. Por isso, Shiva colocou o homem longe de sua

cama. Incomodada com a situação, ela foi forçada a se levantar. Isso proporcionou o início do *rajas*, o movimento de despertar. Teimoso como um touro, o homem Nandi persistiu na moça, apesar de seus esforços para permanecer na cama. Shiva, atento e observador, via que a moça relutava para manter os olhos abertos. Ordenou a Nandi que insistisse. Obediente, assim o fez. Por muitos meses.

Acostumada com a presença do touro, ela se sentiu confortável para abrir os olhos. E não mais os fechou. Ela se viu, não só amando o homem Nandi, como amando a si mesma. Concordava com quem era. Concordava com o outro. Concordava com o mundo ao seu redor.

Ela, graças a escolha de Shiva, despertou e, finalmente, atingiu o *sattva*.

Por Giovanna Sartori a partir dos ensinamentos de Maik Espíndola.
Estudante do 2º Período de Direito na Fundação Getúlio Vargas

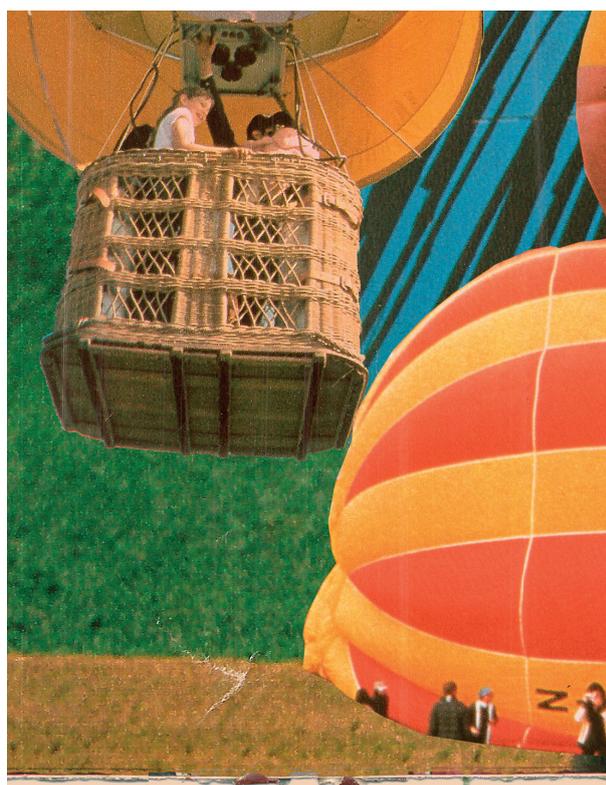




Manifesto pelo acaso

Por Gabriel Rogenfisch Quintans

Acredito que no mundo existem duas visões dominantes acerca do destino: a predestinação e o livre-arbítrio. Os que acreditam no primeiro creem não conseguirmos mudar a nossa trajetória; estamos aqui por um motivo e nossa história está traçada. Já os que se convencem pela segunda linha, argumentam que somos fruto de nossas próprias ações, sendo apenas o indivíduo responsável por definir o ponto final de sua história. Não cabe aqui, no entanto, discutir qual das duas está correta – até porque definir isso seria impossível. Meu propósito, porém, é convidar o leitor a refletir sobre um ponto em que ambas convergem: a falta de previsibilidade da vida, o acaso. Isso porque, se nosso futuro já está decidido, apenas iremos descobri-lo com o passar dos momentos de nossas vidas, não sendo possível prever cada



obstáculo que nos será imposto, ou, caso nosso futuro seja resultado de ações do livre-arbítrio, não temos como saber qual o resultado que cada uma gerará, apenas as possíveis consequências da decisão.

Escrevo sobre esse tema, pois, agora que o primeiro período se encerrou, fiz uma retrospectiva do meu eu há um ano e afirmo que não esperava nada do que estava por vir. Quando entramos na faculdade chegamos repletos de sonhos e idealizações: quais serão nossas matérias favoritas, que amigos serão carregados para a vida e quais serão os rumos de nossas carreiras. O que acontece, na verdade, é quebra de expectativa seguida de quebra de expectativa: você e os amigos que achou que seriam seu grupo se afastam, a matéria que você pensou que seria superinteressante não é o seu forte e a área da sua profissão que você idealizou não parece mais ser o caminho que te fará mais feliz.

Fiz projeções, sim, e nenhuma – ou quase nenhuma – se cumpriu. No entanto, a cada caminho desiludido, surgia um novo, uma nova oportunidade, uma nova esperança. As experiências que passei, as pessoas que encontrei e as histórias que vivi não seriam capazes de fazer parte do meu imaginário, fui surpreendido pelos outros e me surpreendi comigo mesmo. Imagino que muitos dos que estão lendo, se fizerem o mesmo exercício, também perceberão o quanto tentar encontrar a previsibilidade em qualquer aspecto da vida é previsivelmente inútil. Tentar ser vidente e controlador gera ansiedade, insegurança e medo do desconhecido. Não digo essas coisas

como se tivesse uma alma evoluída, muito pelo contrário: esse texto serve como uma espécie de lembrete de reafirmação para mim – e para quem mais servir – de que não estar no controle pode ser bom, de confiar na “vida”, ela ajustará tudo; de lembrar que até as piores tempestades também passam.

Retomando as teses sobre o destino, em vista dos pontos apresentados, evidencia-se a razão pela qual independentemente de qual teoria você acredita, ambas não desconsideram as surpresas do caminho: faz parte da vida não ter certeza. Qual seria a graça se já soubéssemos dos resultados de cada ação? Qual seria o prazer de descobrir coisas novas? Nos arriscaríamos menos? Não há sede de viver se já sabemos os resultados de cada decisão que tomamos.

Penso que isso é um dos fatores para a vida ser tão mágica.

Portanto, esse texto é um manifesto. Um manifesto ao acaso, ao descontrole, à incerteza. Não saber o que acontecerá no nosso futuro é uma dádiva, estimula a descoberta, a aventura, as vivências.

Finalizo esse texto com uma frase de Machado de Assis:

“o acaso... é um deus e um diabo ao mesmo tempo”.

Desse modo, a incerteza pode ser paralisante ou estimulante, assim, compete a nós decidirmos como a enfrentaremos.

Por Gabriel Rogenfisch Quintans
Estudante do 2º período de Direito da Fundação
Getúlio Vargas





Rodoviária

Por Bernardo Albernaz

A rodoviária faz parte da minha vida. Uma vida ambivalente entre duas cidades nem tão próximas gera uma vida de viagens enxutas e indiferentes. Cada ida e vinda são diversas histórias que se transfiguram a mim com teor de saudosismo e aventura, capazes de me levar ao ímpeto da minha consciência.

Para quem trabalha numa rodoviária, é praxe ver passando um eventual abraço, uma curiosa lágrima ou uma lição de vida que uma mãe dá ao seu filho. É tão comum que cada evento desses se transformam em requisitos outorgados antes do partir, e por isso a sensação quando não se tem companhia é singular, restando apenas uma exclamação ao motorista. Como um exemplo, eu quase sempre estou sozinho numa rodoviária, e conheço bem a sensação. No entanto, eu utilizo esse momento para entender as vidas que passam por ali.

A semântica desse espaço está muito além de duas linhas em um dicionário escolar. Talvez seja um dos locais mais mal descritos, não por falta de esforço, mas por carência de epifanias que trazem movimentos ao inanimado concreto.

A rodoviária é gramatical. Uma rede complexa de palavras permeia o espaço sobre minha cabeça. São letras que vagam em busca de outras para completar seus sentidos, mas sempre há aquelas perdidas que erraram o caminho quando foram pronunciadas. As letras sentem e choram. Elas expressam a dor, o riso, a saudade. A vida não está nos conformes e as letras sabem disso, já que estão sempre ao redor de tudo. Elas fofocam entre si e todas sabem de tudo: nada fica de fora do alcance das protetoras da memória. Elas machucam e não se importam. Elas são excêntricas o suficiente para transcender o cognoscível humano.





A rodoviária é histórica. Ela sempre existiu, mesmo quando ainda não era construída. Seu espaço fora reservado desde do início da civilização: estava predestinada a ser uma rodoviária. Seu piso testemunhou muitos romances e desavenças, que impulsionaram a vivacidade do local. Uma rodoviária não é uma se não tiver emoção. Cada viajante é uma história compressa de anos que parece não haver significância, mas há, e é nisso que está a essência desse lugar. Uma mãe acena na plataforma para sua filha no ônibus no instante que o motor é ligado: foram exatos 7 séries de 4 acenos de despedida que para mãe foram poucos. Cada balanço de mão era uma palavra

e um alerta sobre um novo caminho. A filha segue seu rumo e a mãe cai em prantos.

A rodoviária é dor e prazer. Ela é o ponto de partida de uma separação e um encontro ordinário. As rodas dos ônibus conversam sobre a vida dos passageiros e investigam o motivo da viagem. As rodas são fofoqueiras, porque se constroem com a ruptura de laços humanos ao entrar no automóvel, e por isso tentam avisar cada pessoa, mas parece que não surte efeito. Elas são rebeldes, porque querem destruir a dor que está perpetuada nas vigas da rodoviária, entretanto, interiormente são vazias e sabem que não conseguem mudar o mundo vil, restando apenas o burburinho entre elas.

A rodoviária é descontínua. Não há espaço para gagueira dentro dela. É preciso estar afiado nas palavras e certo em usá-las, pois não há tempo sobrando. A rodoviária não poupa ninguém simplesmente porque não pode. O tempo é precioso e cada pessoa precisa gerenciá-lo bem para não se decepcionar, além de ser grosseiro com todos: se não o respeitá-lo, ele te cortará. A fluidez da rodoviária está na descontinuidade das histórias, portanto, ela apenas sobrevive com pedaços vitais das pessoas, e a partir do dia em que alguém morar na rodoviária, ela deixará de sê-la.

A rodov... viu, sou mais um refém dela. Meu ônibus está me esperando. Até nunca mais.

Por Bernardo Albernaz
Estudante do 4º período de Economia na
Fundação Getulio Vargas



Um pedaço do meu Eu

Por Ana Beatriz Mazzei

Você quase não vem. Some por longos períodos sem dar explicações. As vezes aparece em segredo, surge rápido, faz meu dia e logo se vai. Outras madrugadas decide acordar e me dar sinais, se denunciando e deixando pistas que anunciam sua chegada em uma semana, quatro dias ou doze horas.

Pergunto-me o por quê das suas intensidades. Você nunca chega igual. Certas noites, aparece aos gritos, me assusta na madrugada e invade meus sonhos, balança minhas janelas e atormenta meus gatos. Dadas manhãs, sua voz me acalma a alma, ela é leve e cai como um bom abraço capaz de segurar meu eu inteiro. Eu gosto da sua inconstância. Temo sua chegada. Anseio pela sua presença.

E todos fogem de você. Se protegem. Se travam. Se escondem. Quando você vem, as pessoas saem. Elas se trancam decepcionadas e paralisam em casa. Parece que você as atormenta, como se as fizessem esquecer quem são. Não, comigo não. A tua presença é o lótus raro, lamento por aqueles que não realmente conseguem te sentir. Tu me lembras quem sou. Clamando ou calma, teu cheiro é sempre o mesmo, e é ele quem desejo todos os dias ao



acordar. Poderia viver uma vida com você. Acho que você não seria capaz de vivê-la comigo.

Nunca vão entender a sua beleza, eu posso tentar explicar. Você é o dom mais sincero que a natureza tem, é o fluxo dos rios, é o sopro da brisa que carrega a vida, é o nascer e o pôr do sol. Tu és a canção mais bonita que o universo já criou, abriga toda a história em suas mãos, visitou países e florestas, viajou os séculos, encheu os oceanos e se dá de presente para mim todas as tardes de novembro.

Não se vá. Choro em segredo vendo você passar. Não me faça acordar. Prefiro te assistir desgovernada do que te ver partir. Sua loucura entende a minha. O espírito do meu silêncio grita mais alto junto ao teu, ninguém nunca foi tão capaz de me entender quanto você nos segundos que passamos nos apreciando. Tu não precisas falar nada, eu também não. Nenhuma vez em nossos encontros trocamos uma só palavra. Nos amamos em silêncio.

Você é o meu segredo mais bonito e a válvula de escape que jamais serão capazes de tirar de mim. Você é a minha garoa, você é a minha tempestade. Tu és o movimento dos meus olhos fechando devagar e o suspiro leve que vem logo em seguida. Você é convectiva, orográfica e frontal. Você é minha melhor amiga, meu segredo mais bonito. Minha surpresa no verão e minha certeza na primavera. Você é a voz, o cheiro e a única dança que sei girar.

Você é um pedaço de mim.

Você é, chuva.

Por Ana Beatriz Mazzei
Estudante do 2º Período de Administração na
Fundação Getúlio Vargas



Era uma vez uma Grande Escola

Por Anna Barbara

Era uma vez um Grande Reino mágico, onde todos os cidadãos eram avantajados e nobres elfos.

Nesse Grande Reino havia uma Grande Escola, famosa por sua tradição, onde todos os filhos dos nobres podiam aprender élfico antigo, alquimia, arco e flecha e, como se não fosse o suficiente, choviam oportunidades: todos os Grandes Alunos, se desejassem, podiam engatar em atividades voluntárias com os pobres plebeus dos reinos menores e menos abastados que o Grande Reino, em luxuosos espetáculos musicais e, inclusive, podiam ter a ilusão de serem ouvidos dentro dessa Grande Escola. Quanta honra!

A liderança, o senso crítico, a empatia, características que a Grande Escola sempre buscou incentivar em seus Grandes Alunos – até certo ponto. A Grande Direção dessa Grande Escola sabia que liderança demais causava união, que senso crítico demais causava questionamento e que empatia demais causava revolta. União, questionamento e revolta, por sua vez, causavam o maior medo do Grande Reino: os Grandes Rebeldes.

Logicamente, a Grande Direção não tinha a menor intenção de formar Grandes Rebeldes em vez de Grandes Alunos, afinal, como a Grande Nobreza encararia tamanha afronta? Sendo assim, a Grande Direção precisava ter um pulso firme.

Fracassos não eram tolerados, fossem eles nas notas, fossem eles no jeito de ser. Se a Grande Direção percebesse algum indicio de que um Grande Aluno iria se tornar um Grande Rebelde, rapidamente convidaria ele a se retirar, visto que uma Grande Escola como essa nunca cometeria a brutalidade gramatical de expulsar

alguém. “Fazemos apenas o necessário para manter o nível”, dizia a Grande Direção.

É importante dizer, no entanto, que a Grande Escola do Grande Reino não era formada apenas pela Grande Direção e pelos Grandes Alunos.

Na verdade, a Grande Direção quase nunca era avistada pelos Grandes Alunos. Sua função era apenas sentar atrás de suas Grandes Cadeiras em seus Grandes Escritórios criando medidas para que nenhuma situação escapasse de seu controle, atendendo os nobres elfos que as vezes fingiam se preocupar com seus filhos e, claro, selecionando uma Grande Equipe para lidar com seus Grandes Alunos.

Dentro dessa Grande Equipe dessa Grande Escola existiam os Grandes Professores, elfos com alta qualificação que tinham o dever de transmitir o conhecimento que possuíam para os Grandes Alunos. Esses Grandes Professores que lecionavam na Grande Escola haviam sido escolhidos a dedo pela Grande Direção por terem se destacado entre todos os outros não-tão-bons professores.

Desde o Ano 1 dessa Grande Escola, os Grandes Alunos aprendiam a respeitar a autoridade do Grande Professor. Por volta do Ano 5, já haviam internalizado que o Grande Professor não cometia erros, logo, nunca era certo questionar um Grande Professor, independente do que ele falasse ou fizesse.

Se algum Grande Aluno ousasse desafiar um Grande Professor, rapidamente encontraria uma punição da Grande Direção e, então, se pensasse em duvidar de novo, já teria aprendido que era melhor deixar pra lá. Se a Grande Direção da Grande Escola do Grande Reino concordava com o Grande Professor, ele provavelmente tinha razão.

Sabendo dessa Grande Vantagem, alguns Grandes Professores se aproveitavam de sua posição para cometer Grandes Erros com seus Grandes Alunos.

Uma vez, um Grande Professor de alquimia bateu na bunda de uma Grande Aluna. Quando Jael, elfa noturna extremamente determinada, foi na Grande Direção questionar, foi convidada a se retirar e, no fim do ano letivo, teve a oportunidade de assistir o Grande Professor fazer uma Grande Despedida de aposentadoria. Então, nunca mais se reclamou do Grande Professor de alquimia.

Em outra ocasião, um Grande Professor de numerologia convidou uma Grande Aluna para sentar no seu colo. Quando Ester, elfa sangrenta assustada, foi na Grande Direção questionar, a chantagearam para ficar calada e, até hoje, quando entra na Grande Escola encontra com o Grande Professor por lá. Então, nunca mais se reclamou do Grande Professor de numerologia. Mesmo que ele continuasse sempre se aproveitando do estado vulnerável que as vezes alguma Grande Aluna apresentava.

Nem o Grande Professor de ocultismo, querido pela maioria dos Grandes Alunos, se salvava. Um dia, fez comentários sobre o corpo de uma Grande Aluna e, quando Noemi, uma elfa da floresta muito inteligente, foi na Grande Direção questionar, escutou que devia se preocupar mais com suas avaliações.

No ano seguinte, se insinuou sexualmente para uma Grande Aluna e, quando Madalena, elfa da noite conhecida por sua honestidade, foi na Grande Direção questionar, ouviu que era sua imaginação fértil, porque o Grande Professor nunca faria isso.

Outro ano começou e o Grande Professor de ocultismo escolheu outra Grande Aluna para assediar. Vendo sua Grande Proteção da Grande Direção, não hesitou em beijar uma Grande Aluna. Quando Raabe, alta elfa um



tanto quanto ingênua, foi na Grande Direção questionar, a situação se deu de uma forma um tanto quanto diferente. O Grande Diretor, que raramente trocava palavras com os Grandes Alunos, convidou Raabe para sua Grande Sala.

A elfa, espantada com tamanho acolhimento, se sentiu aliviada ao receber uma promessa de que isso jamais se repetiria. Apesar disso, o final não foi muito diferente dos outros. Raabe se formou e recentemente recebeu uma mensagem de uma Grande Aluna da Grande Escola contando que o Grande Professor de ocultismo continua com seus abusos. Todavia, depois de Raabe, nunca mais se reclamou do Grande Professor de ocultismo.

E, assim, até hoje, segue a Grande Escola do Grande Reino élfico: formando Grandes Robôs, contratando Grandes Babacas e encobrendo Grandes Erros, sem Grandes Problemas. Afinal, a Grande Escola conta com Grandes Quantias de Ouro e Grandes Homens da Lei que podem encobrir qualquer falha e nunca vão permitir que o Grande Reino descubra o que de fato acontece pelos Grandes Corredores da Grande Escola.

Fim.

Por Anna Barbara
Estudante do 1º Período de Psicologia na
Universidade Federal do Rio de Janeiro



Obrigada pelos livros

Por Bianca Gomes

Ao contrário de grande parte das pessoas que estudam comigo e sempre souberam o que queriam ser ou fazer, eu demorei bastante para escolher um curso de graduação. Minha maior dificuldade era gostar demais de muita coisa e ter a sensação de que estaria me restringindo quando escolhesse.

Pesando prós e contras, acabei escolhendo o Direito, mas ainda tenho problemas com um só curso quando todos me oferecem tanta informação e possibilidade. É por isso que desde o início da faculdade me envolvi com tantos projetos. Uma tentativa de me encontrar dentro de alguma “caixinha” que estão sempre exigindo da gente.

Mas de uns tempos pra cá resolvi deixar essa ideia de caixinha de lado, já tem bastante gente se preocupando em me enquadrar numa dessas para que eu tenha que me preocupar com isso também. Resolvi retomar antigos hábitos, daqueles que se tem quando é criança e ainda se importa com coisas que “não importam”. Comigo sempre foram os livros.

Eu não lembro exatamente qual foi o primeiro livro que eu li, provavelmente um daqueles de histórias bem curtas e imagens ocupando toda a página, mas livros sempre fizeram parte do meu dia a dia. Meu avô é o grande responsável por isso, ele se negava a me dar qualquer coisa de presente que não fosse livro. Eles iam mudando conforme eu crescia, da Pequena Sereia com imagens em 3D ou uma coleção sobre dinossauros ou o Sítio do Pica-Pau Amarelo (que eu ainda guardo – mesmo que já não tenha nem mais a capa – e vira e mexe releio Reinações de Narizinho).

Até hoje, quando qualquer coisa acontece, eu só preciso pegar um livro e me desligar do mundo.

De certa forma, como uma boa Tereza, minha vida foi orientada por eles. Com a “Bolsa Amarela” comecei a escrever quando precisava colocar sentimentos para fora, com “A Arte de Correr na Chuva” aceitei um pouco melhor a morte do cachorro que era da família desde antes de eu mesma ser, com “O Castelo do Homem Sem Alma” aderi ao feminismo num caminho sem volta. Depois de quebrar muito a cabeça com vestibular, “O Sol é Para Todos” me ajudou a escolher (e romantizar) o Direito.

Ainda hoje, praticamente respirando pela faculdade numa releitura meio inversa da incapacidade de escolha de Sylvia Plath, compro livros compulsivamente e viro a noite os lendo mesmo que isso signifique atrasar a leitura de Civil ou de Empresarial ou de alguma matéria que me faz questionar se o Direito foi a escolha certa. É minha válvula de escape.

Mesmo tendo esse apego aos romances e deixando muitas obrigações de lado por conta deles, minha leitura tem ficado mais “instrumental”. Enquanto eu vou me encontrando dentro da graduação e percebendo, naquela ideia de criança, que as matérias que mais me interessam não são as “mais importantes”, minha leitura vai se adequando. Metade das minhas compras no mês passado foram de livros teóricos sobre o feminismo. Pelos próximos 4 meses tenho uma obrigação no cartão de crédito com a Estante Virtual... os livros sobre democracia e ciência política estavam na promoção...

Como toda boa estudante que começa a se debruçar sobre o tema, eu vou nos clássicos, nos

autores que já são reconhecidos e têm seus nomes em todas as bibliografias. Eu não questiono a importância desses autores, da mesma forma que não questiono a importância de um Zola ou um Lima Barreto – esses caras certamente tinham algo importante pra dizer. Mas enquanto eu os leio, sempre fico pensando no que levou aquela pessoa a estar ali, que tipo de oportunidades eles tiveram para figurarem entre os romances do século, ou nas ementas de cursos por todo o mundo, e quão difícil é conseguir que o que você tem a dizer seja escutado.

Mas talvez eu romantize demais a literatura, provavelmente os clássicos que são clássicos ralaram muito antes de o serem. Não é raro ouvir histórias de autores que tiveram que rodar editoras e quando conseguiram publicar não tiveram o sucesso esperado. Dizem que King atirou Carrie no lixo quando acabou de escrever o romance. Quantos bons (ou mesmo não tão bons) livros deixaram de entrar nas minhas intermináveis e ingênuas listas de “a ler” e quantos desses deixaram de influenciar

um pouquinho nas minhas decisões de vida porque não conseguiram ultrapassar a barreira do “aceitável” ou “rentável”.

De qualquer forma, continuo me refugiando neles. Por essas e outras sou chamada de rato de sebo – tenho um mapa dos do Centro do Rio caso interesse a alguém. Tô sempre tentando aumentar e (ainda muito ingenuamente) ler os livros da minha lista. Ando sempre com um na bolsa porque o peso me conforta. Recomendo. Muitas vezes gosto de comprar autores desconhecidos, uma revolta minha contra todos que não tiveram tantas oportunidades. Gosto muito de dedicatórias também, é bom lembrar das pessoas que me entendem tanto que me dão livros.

Hoje estou lendo um presente. Obrigada pelo novo livro na minha estante.

Por Bianca Oliveira Gonçalves Gomes
Estudante do 4^a Período de Direito da Fundação
Getulio Vargas





África tradicional e Guerra Civil Moçambicana na obra de Mia Couto

Por Rômulo Predes Monteiro da Cunha

António Emílio Leite Couto, nascido em 1955 e mais conhecido pelo pseudônimo de Mia Couto, é um renomado escritor moçambicano autor de inúmeras crônicas, poesias, contos e romances de alcance mais do que considerável – somando publicações em 22 países e traduções para pelo menos 6 idiomas além do texto original. O livro em foco nesta análise, *Terra Sonâmbula*, foi curiosamente o primeiro romance publicado pelo autor, no ano de 1992, contudo consta certamente como a sua obra mais reconhecida e pela qual consolidou seu posto entre os maiores escritores africanos do século XX.

Foi com *Terra Sonâmbula* que Mia Couto conseguiu chamar atenção significativa para uma literatura de língua portuguesa à primeira vista peculiar, primeiro por escapar de um eixo hegemônico Brasil-Portugal, enquanto alcança uma reflexão pela valorização literária desta periferia lusófona e, para completar, destaca-se por tratar de uma história que se desenrola – ao mesmo tempo – nos campos da ancestralidade africana e da turbulenta contemporaneidade moçambicana. Por conseguinte, o sucesso do romance e do autor no Brasil foi e permanece sendo tanto que, para além das premiações recebidas, Mia Couto tornou-se, desde 1998, sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras, e mais recentemente, entrou para a lista de leituras obrigatórias dos vestibulares da Universidade Estadual de Campinas (desde 2016) e da Universidade Federal de Uberlândia (desde 2017).

Os historiadores Boubou Hama e J. Ki-Zerbo discutem em “O lugar da história na

sociedade africana” (2010) a presença do mítico e a recorrente evocação do passado nas sociedades africanas. Em síntese, os autores destacam dois aspectos que seriam característicos do pensamento histórico africano: a “intemporalidade” e a “dimensão essencialmente social”. Argumentam que, estando o mítico, de fato, bastante presente em diversas cosmogonias pelo continente, este se relaciona fortemente com a temporalidade tradicional desenvolvida – querendo com isto ressaltar que temporalidades distintas daquela que se tornaria hegemônica no Ocidente são possíveis quando frutos de realidades sociais distintas.

Assim, Boubou Hama e J. Ki-Zerbo elucidam que esta temporalidade africana tradicional é vivida de maneira coletiva, social – não se manifestando na forma de destinos e ritmos meramente individuais. Isso porque a causalidade entre passado, presente e futuro se mistura e pode ser constantemente rearranjada pelas ações e cultos de um líder ou de um povo. Este caráter mítico das tradições não seria exclusividade do pensamento africano, argumentam os autores, estando originalmente presente na história de todos os povos. Rejeitam, portanto, firmemente qualquer leitura que situe a África à margem das rupturas e continuidades experimentados por povos em outros continentes – e, em última instância, do próprio fluxo histórico. Da mesma forma, há outros aspectos importantes de ressaltar quando nos referimos à persistência de uma África tradicional, sendo esta mais ou menos homogênea em algumas caracterizações pertinentes, ainda que preservando as particularidades de diferentes sociedades africanas e casos mais específicos

no continente. Além da compreensão de ancestralidade e de pertencimento ao coletivo já mencionados, a relevância da tradição oral, assim como uma noção de equilíbrio de forças com os elementos da Natureza e a concepção de família extensa que permeava sociedades majoritariamente patriarcais e matrilineares.

Posto isso, Mia Couto mais uma vez impressiona ao tecer a história de Muidinga e Tuahir (assim como de Kindzu) em Terra Sonâmbula. Em meio à guerra civil que assolava Moçambique, o menino Muidinga – acometido de uma amnésia – é acompanhado do velho Tuahir em busca de seus pais, missão que este relutava em compreender nestes tempos de sobrevivência. Adverte o menino mais de uma vez da futilidade desta busca, sem sucesso aparente. É quando, na carcaça de um machimbombo (ônibus) queimado, encontra o diário do falecido Kindzu, morto ainda menino. Ao contrário do velho Tuahir, Muidinga é capaz de ler, ainda que com alguma dificuldade, entusiasmando-se com a possibilidade de explorar este artefato único. A partir disso, o romance narra paralelamente a história de Kindzu e a trajetória de Muidinga e Tuahir ao longo da infundável estrada. A prosa poética de Mia Couto articula, então, surrealismo e realismo mágico. A preocupação com a ancestralidade, por exemplo, aparece na figura de Tuahir, que insiste na importância de Muidinga respeitar os mortos, repreendendo-o por lhes demonstrar qualquer aversão, a perigo de deixá-los zangados. Nas memórias de Kindzu, uma série de lendas e maldições, reproduzidas na contação de histórias característica da tradição oral.

“Naquele lugar, a guerra tinha morto a estrada. Pelos caminhos só as hienas se arrastavam, focinhando entre cinzas e poeiras. A paisagem se mestiçara de tristezas nunca vistas, em cores que se pegavam à boca. Eram cores sujas, tão sujas

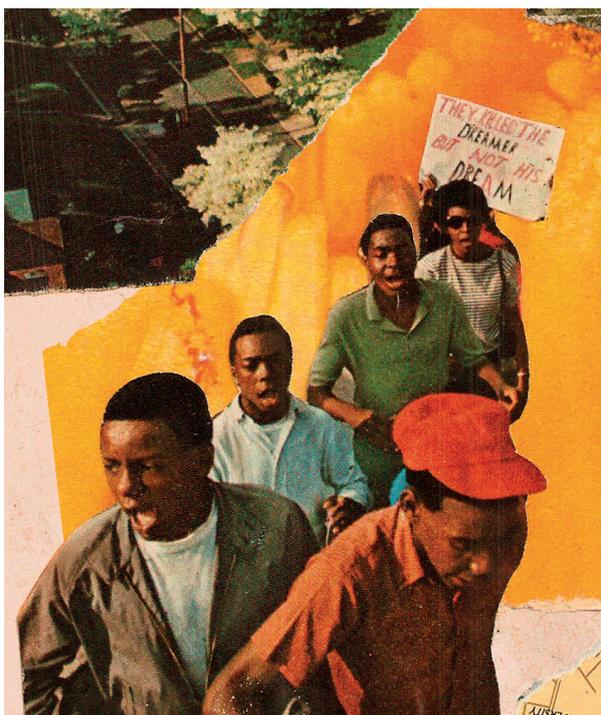
que tinham perdido toda a leveza, esquecidas da ousadia de levantar asas pelo azul. Aqui, o céu se tornara impossível. E os viventes se acostumaram ao chão, em resignada aprendizagem da morte”. (COUTO, 2007; página 9)

À exemplo deste trecho de abertura, que sinaliza o tom do livro, a fuga da guerra é plano de fundo para toda a obra. Mia Couto expõe ativamente os horrores desta guerra, tal qual a morte e o esquecimento, fato que não impede o desenrolar de sua prosa poética. A esperança de Muidinga – que tanto incomoda o velho Tuahir – enfrenta o impossível, face à necessidade de sobrevivência. É preciso, antes de mais nada, situar o estudo do processo de independência de Moçambique, assim como da posterior Guerra Civil Moçambicana, nos contextos de reorganização política da África em meio à Guerra Fria. Há, na década de 1960, grande descontentamento nas colônias portuguesas quanto aos rumos políticos e econômicos em seus territórios, estes entendidos como demasiadamente preocupados dos interesses da metrópole europeia e somente desta. Ganham novas proporções, por conseguinte, movimentos nacionalistas em defesa da luta por independência destas nações africanas.

Assim, é fundada em 1962 a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), um ano após o início dos confrontos pela independência em Angola. Enquanto isso, a luta armada em Moçambique é iniciada, de fato, em 1964 e se estende até o fim da chamada Guerra Colonial Portuguesa (1961-1974). Neste período, Portugal se desgasta política e economicamente ao enfrentar – sem vitórias decisivas – os movimentos de libertação em Angola, Guiné-Bissau e Moçambique. A crise do regime salazarista alcança seu ápice com a Revolução dos Cravos, em 25 de abril de 1974.

Durante toda a guerra de independência, é vital o apoio da União Soviética, China e Cuba aos combatentes da FRELIMO. Este, por sua vez, se traduziu em apoio logístico e no armamento das guerrilhas moçambicanas. A figura de Samora Machel é também decisiva neste processo, um nacionalista desde cedo e admirador da formação da República Popular da China com Mao Tse-Tung (1949) e da independência de Gana com Kwame Nkrumah (1957). É Samora Machel quem se encarrega de transitar entre países vizinhos e países socialistas a fim de agradecer e garantir o apoio estrangeiro às ofensivas revolucionárias, bem como se utiliza do grande carisma que possuía para mobilizar o apoio popular à causa.

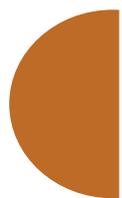
A primeira grande vitória viria com a assinatura de um acordo em 1974, que estabeleceu então um governo de transição, sendo a independência concretizada em junho do ano seguinte. Proclamada por Samora Machel, que viria a ser o primeiro presidente da nova república, o novo governo segue diretrizes socialistas explícitas, a fim de realizar ampla



reforma agrária, combater o analfabetismo e lutar contra a exploração do homem pelo homem. No entanto, pouco tempo depois, em 1977, irrompe a Guerra Civil Moçambicana, conflito que se prolongaria até 1992 e faria mais de 1 milhão de mortos vítimas da fome e do combate armado. Efetivamente, há uma tentativa de contrarrevolução – tal qual enfrentada por Angola (em guerra civil que data de 1975–2002) – por parte da Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO), organização anticomunista fundada em 1975, patrocinada pela Organização Central de Inteligência da Rodésia, tendo posteriormente também recebido apoio da África do Sul, ainda sob o regime de apartheid implementado pelo Partido Nacional (1948–1994).

O romance *Terra Sonâmbula*, portanto, não está alheio a nenhuma dessas realidades aqui abordadas. Enxergar a guerra é peça fundamental para compreender o pano de fundo no enredo de Mia Couto, uma vez que esta influencia não somente as trajetórias de Muidinga e Tuahir, mas também o próprio lugar de escrita do autor, ainda em 1992. Por fim, a análise do romance *Terra Sonâmbula* permite melhor compreender o contexto dos processos históricos que servem de plano de fundo ao enredo e mesmo à produção do livro. Mia Couto impressiona por articular os horrores da realidade de Guerra Civil Moçambicana com a magia própria da África tradicional. Dessa forma, o sucesso da obra foi de extrema relevância para a redescoberta da literatura de língua portuguesa não-hegemônica, fora do eixo Brasil-Portugal.

Por Rômulo Predes
Estudante do 8º período de Ciências Sociais na
Escola de Ciências Sociais FGV/CPDOC.



Museu Nacional, lugar de memória da história do Brasil

Por Rômulo Predes e Bruna Esteves

O Museu Nacional é fundado por iniciativa de D. João VI no dia 6 de junho de 1818, como Museu Real, enquanto uma instituição voltada para o desenvolvimento da arte, ciência e intelectualidade no Brasil, com o objetivo principal de incentivar novos estudos nas áreas de botânica e zoologia, o que a torna, portanto, a mais antiga instituição científica do Brasil. Com sede original em Campo de Santana, localizado na Praça da República, no centro da cidade do Rio de Janeiro (RJ), é apenas a partir de 1892 que o Museu Nacional é instalado no Palácio de São Cristóvão, localizado no interior da Quinta da Boa Vista, parque municipal no Bairro Imperial de São Cristóvão, na Zona Norte da capital carioca. O célebre jardim, por sua vez, fora projetado pelo paisagista francês Auguste Glazou, em 1869.

A região anteriormente abrigava a Fazenda Jesuítica de São Cristóvão, voltada para a criação de gado, até a expulsão dos jesuítas em 1759, quando então em 1803 o terreno é comprado por Elias Antônio Lopes, comerciante lusobrasileiro que fizera sua fortuna com o tráfico negreiro. A residência foi cedida à família real portuguesa por ocasião da sua vinda ao Brasil em 1808, tendo a edificação inicial sido acrescida, a partir de 1810, de novas dependências e mais um andar, a fim de satisfazer a imponente esperada dos aposentos de uma família real. Lá viveram Dom João VI e todos os seus descendentes que governaram o Brasil: Dom Pedro I, Dom Pedro II, assim como a princesa Isabel. Com o advento da República no país, a transferência do Museu Nacional para a nova sede resolvia

um imbróglio acerca do que seria feito com a antiga residência imperial, contornando maiores controvérsias relacionadas à possibilidade de destruição do patrimônio, principalmente se levado em conta que o antigo Imperador ainda era uma figura muito popular no momento em que foi deposto, em 1889.

Tanto o edifício quanto o acervo do Museu Nacional, juntamente à Coleção Arqueológica Balbino de Freitas, foram tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1938, no que seria a primeira leva de tombamentos pensada a partir da ótica de organização e proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Para isso, o texto assinado por Getúlio Vargas e Gustavo Capanema do decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, elencara as motivações que orientaram o Estado a intervir desta maneira em nome do interesse público de conservação destes bens: sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico.

Em 1946, ao final do Estado Novo, o Museu Nacional passou para a tutela da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), assim permanecendo até hoje. O Palácio de São Cristóvão presenciou processos históricos e eventos marcantes da história nacional, como a assinatura do decreto de independência do Brasil pela Imperatriz Maria Leopoldina. Entre 1889 e 1891, o Palácio sediou a Assembleia Nacional Constituinte que redigiu a primeira Constituição do Brasil enquanto nação republicana, promulgada em 24 de fevereiro de

1891. O Museu Nacional celebrou seus 200 anos de história em junho de 2018, quando foram realizadas festividades no local.

As chamas se iniciaram em um dos aparelhos de ar condicionado, localizados no auditório térreo do prédio de três andares, por volta das 19h30 do dia 2 de setembro, depois de encerrado o horário de visitação. O fogo se espalhou rapidamente, uma vez que boa parte da estrutura do prédio era de madeira e o acervo continha bastante material inflamável. Os 80 homens do Corpo de Bombeiros de 20 quartéis chegaram assim que os vigilantes perceberam um clarão no primeiro andar do edifício, porém estima-se que o trabalho dos bombeiros foi atrasado por cerca de quarenta minutos uma vez que os dois hidrantes próximos ao Museu Nacional não tinham pressão suficiente, o que tornou necessário o auxílio de dois caminhões-pipa para o combate ao incêndio. Num esforço desesperado, foi também retirada água do lago que fica na Quinta da Boa Vista para ajudar no controle das chamas. Como o prédio havia sido esvaziado, ninguém ficou ferido no incidente.

A tragédia, acompanhada nacionalmente através das mídias televisivas e digitais durante toda a noite de domingo e prolongada madrugada adentro, repercutiu a partir do amanhecer de segunda-feira com reportagens e depoimentos sobre as recorrentes denúncias de sinais de má conservação e estado de abandono das instalações. Ademais, o Museu, que estava em situação irregular junto aos bombeiros, enfrentava a restrição orçamentária e a falta de recursos para obras emergenciais como, por exemplo, a implementação de um sistema de prevenção e combate a incêndios. A combinação destes fatores colaborou para a leitura e condenação do ocorrido, por parte da opinião pública, como uma tragédia anunciada.

Considerado o maior Museu de História Natural da América Latina, com cerca de dez mil peças em exposição em dois andares de circuito, ocupados com as áreas de Zoologia, Arqueologia, Etnografia, Antiguidades Clássicas, Geologia e Paleontologia, o Museu Nacional fora visitado por ilustres cientistas do século XX, como Albert Einstein e Marie Curie. No entanto, o Museu não





recebia a visita de um presidente civil brasileiro desde 1958, quando Juscelino Kubitschek esteve no local por ocasião do aniversário de 140 anos da instituição. O Museu abrigava, até então, mais de 20 milhões de itens, contudo deste total estima-se que o tamanho da destruição, em seis horas de incêndio, chegue a 90% do acervo. De todas as coleções, a dos meteoritos foi a menos afetada: o Bendegó, encontrado em 1784 no sertão da Bahia e conhecido como o maior siderito já achado em solo brasileiro (pesando 5.360 quilos), permanece em seu tradicional posto, na entrada do museu, como uma espécie de símbolo de resistência; sobreviveram ao incêndio também parte da coleção de zoologia; o herbário; outros minerais e algumas cerâmicas; fragmentos do crânio de “Luzia” (esqueleto humano mais antigo encontrado no Brasil); a biblioteca central do museu (localizada em anexo), bem como a fachada histórica do prédio, que continua de pé.

Em torno dos projetos de reconstrução do Museu Nacional, algumas falas de figuras do governo acerca de medidas a serem tomadas após a tragédia repercutiram de forma muito negativa. Uma dessas foi proferida pelo próprio prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella, que declarou a intenção de impulsionar um projeto de reconstrução do palácio e de recomposição de cada “detalhe”, “pintura” e “foto” do acervo do museu. A publicação de Crivella gerou comentários de revolta e indignação por parte de internautas, que

indagaram sobre a impossibilidade de reconstruir peças arqueológicas e paleontológicas datadas de milênios atrás, ao mesmo tempo outros defendiam a riqueza e singularidade do acervo, lamentando a destruição de toda a coleção de etnologia indígena, por exemplo. Após a polêmica gerada nas redes sociais, o governo se justificou alegando estar se referindo ao palácio e não ao acervo.

Há quem defenda que a tentativa de restauro possa significar uma falsificação do patrimônio e da própria história do edifício. Eduardo Viveiros de Castro, um dos mais conhecidos antropólogos brasileiros, manifestou toda sua indignação pela perda de um patrimônio histórico e cultural tão rico com uma surpreendente provocação: afirmou, em entrevista, que gostaria de ver o Museu Nacional ser mantido em ruínas, uma espécie de memento mori, como memória dos mortos, das coisas mortas, dos povos mortos e dos arquivos mortos, destruídos no incêndio. Em seu lugar, o antropólogo defendeu que nada fosse construído e, sobretudo, que nada fosse escondido ou apagado desse evento traumático. Em suas palavras, gostaria que permanecesse em cinzas, em ruínas, apenas com a fachada de pé, para que todos vissem e se lembrassem. Um memorial.

Por Rômulo Predes e Bruna Esteves
Estudantes do 8º período de Ciências Sociais na
Escola de Ciências Sociais FGV/CPDOC.



O Dono da Festa: Regendo o Maior Espetáculo da Terra

UMA CONVERSA COM CELSO ALVIM,
MAESTRO DO MONOBLOCO

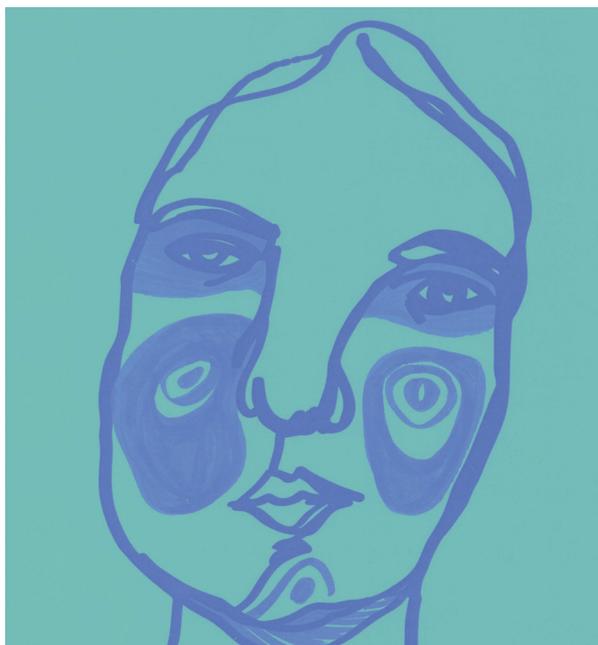
Do bloco de carnaval que leva milhares de foliões às ruas, ensaios na Fundação Progresso e Arraiá para matar a saudade de marchinhas, o Monobloco se tornou um clássico carioca. Seja com suas músicas autorais ou releituras de diversos artistas brasileiros, o grupo é a essência do “maior show da terra”.

Tendo em vista o amor que a Revista *Ágora* possui por essa festa, tivemos o prazer de entrevistar (inserir aqui o nome e função do entrevistado) para nossa edição de aniversário. Dá uma conferida!

Como surgiu o Monobloco?

O Monobloco surgiu de uma ideia que circulava entre vários percussionistas aqui no Rio de Janeiro, no final dos anos 90, influenciado pelas novas batucadas da Bahia, do Olodum, pelo Maracatu de Recife, com a ideia de fazer criar novas batucadas para o Carnaval.

Então a gente já tinha, eu, na verdade, já dava aula em uma escola, a Pró-Arte, montei uma turma de percussão lá, por volta de 1996, 1997, que já experimentava um pouco esse conceito do Monobloco, de pegar instrumentos do samba e fazer outras batucadas.



Nessa época, eu fui convidado para integrar o Pedro Luís e a Parede, a PLAP, e a gente fez muito esse exercício dentro do trabalho com o Pedro Luís, depois fomos convidados, já como PLAPs, para fazer uma oficina de percussão em São Paulo, no SESC Vila Mariana, e aí eu falei, pô, galera, vamos pegar aqueles conceitos lá da Pró-Arte, mas vamos adaptar às músicas do repertório do Pedro [Luís e a Parede] para fazer arranjos com os instrumentos da batucada. A gente fez uma oficina de uma semana, foi super legal, a galera que participou deu uma canja no show da Parede e voltamos pro Rio dizendo “pô, vamos fazer uma oficina maior, para montar um bloco de Carnaval”. Isso foi em 2000, a gente começou a oficina no Espaço Cultural Sérgio Porto e o nosso primeiro Carnaval foi 2001.

Quais foram as dificuldades que vocês enfrentaram para construir o bloco e fazer com que todo mundo o conhecesse, até que ele virasse um dos principais blocos do Rio de Janeiro?

A nossa principal dificuldade ou desafio foi justamente organizar a oficina para montar uma bateria que conseguisse traduzir musicalmente nossas ideias, quer dizer, foi fazer essa formação musical dos amadores, dos leigos que foram

lá aprender a tocar. E isso foi um desafio bem bacana, eu já tinha uma experiência pedagógica anterior, também, mas acho que esse foi o pulo do gato do monobloco.

depois que a gente começou a ter o desafio comercial que a gente fez alguns ensaios do bloco num lugar chamado malagueta, lá em São Cristóvão, no final de 2000 e comercialmente foram fracassos, estavam vazios, a gente tava quase desistindo, quando o diretor do Clube Condomínio alí do Horto disse que um bloco tradicional daqui, o Suvaco do Cristo, tinha saído do Condomínio às sextas-feiras, e que a gente poderia fazer o ensaio do Monobloco lá. E a gente transferiu o ensaio do Monobloco pra lá. O Clube Condomínio já tinha um público muito grande, dos ensaios do Suvaco, a gente ainda chamou o Herbert Vianna para dar uma canja no primeiro ensaio, e bombou.

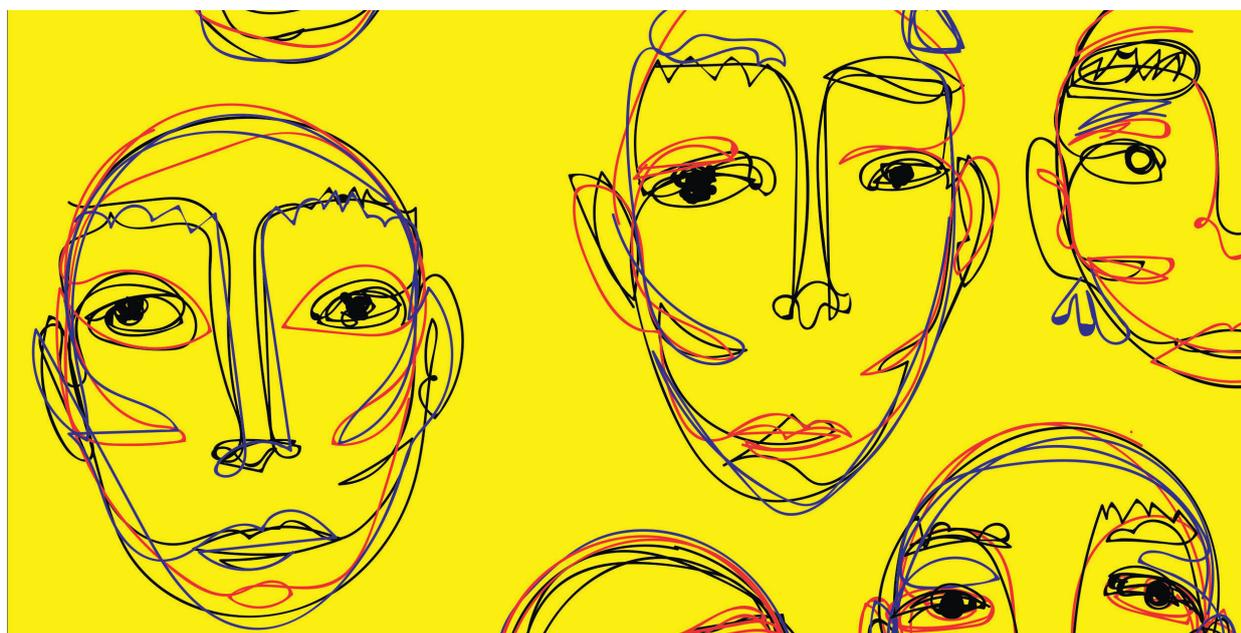
Bombou desde o primeiro ensaio no Clube Condomínio. Então assim, teve uma trajetória de sucesso e de popularidade do monobloco que foi praticamente quando começou então nesse sentido não teve dificuldade. A dificuldade foi depois de administrar o tamanho do desfile e junto com a prefeitura para pensar nos lugares

mais adequados para o desfile do Monobloco, etc., e depois se manter renovando, né. Se renovar musicalmente, as propostas, para tentar se manter relevante, esse é o nosso desafio de hoje: tentar se manter relevante aqui no cenário do Carnaval, 20 anos depois.

Quais são as principais diferenças que vocês sentem quando fazem shows em casas fechadas e quando fazem blocos na rua?

Bem, tocar na rua tem uma energia toda especial, você vê um público muito variado, tanto de classes sociais, como de idade, é uma galera que tá ali numa vibe de música de rua, né, as coisas tem que funcionar musicalmente numa precisão muito bacana para sacudir a galera, eu, para mim, esses são momentos emocionantes, os desfiles do monobloco são uma coleção de momentos emocionantes e marcantes, para a minha carreira.

Quando a gente tá tocando numa casa de shows, você pode caprichar mais na questão do visual, da luz, do som, como o monobloco show é um show de músicos profissionais, que a gente tem arranjos mais elaborados, aí é uma onda mais de músico.



Mas a interação com a plateia na rua é realmente uma coisa especial que eu acho que todo músico deveria passar por isso. E acho que também, aqui no Brasil, tem muito a força do carnaval, o espírito das pessoas durante o carnaval para curtir música é sensacional.

Pra você, qual é a essência do carnaval?

Essa é uma boa pergunta!

Acho que a essência do carnaval é botar um bloco na rua (risos). Eu acho que o carnaval não tem fórmula: o nosso desejo é colocar uma bateria bacana na rua, com gente tocando bem, fazendo um grande passeio pela música brasileira, essa é a essência do Monobloco.

Mas, o carnaval tá aberto a diversas manifestações, aos blocos espontâneos, que se reúnem ali na hora sem tanto ensaio, aos blocos que têm uma expressão mais política, aos blocos que são só divertimento, aos que tocam música brasileira, ao Sargento Pimenta, que toca Beatles. Eu acho que o grande barato desses blocos tradicionais, o Bola Preta, o Suvaco, Simpatia, Cacique de Ramos – que ocorre com o renascimento do carnaval de rua a partir dos anos 2000 –, é essa diversidade musical. Então, todo mundo, praticamente, encontra algum gancho, alguma identidade musical que se manifesta. Acho que hoje em dia muito mais gente vai pra rua brincar de carnaval.

Você acredita que a prefeitura deveria incentivar mais o carnaval de rua? Se sim, como isso poderia ser feito?

Com as prefeituras anteriores, que acompanharam o crescimento do carnaval do Rio a partir dos anos 2000, a gente foi sempre batendo uma bola bacana, porque o Monobloco foi o bloco que mais cresceu e a gente não poderia fazer as coisas sem ter uma parceria de logística e de equipamento com os órgãos da prefeitura. A

prefeitura mais recente, a do Crivella, restringiu algumas coisas... Uma coisa que não foi boa é que mudaram a equipe. No começo tinha uma galera que não entendia direito como funcionavam os esquemas que já davam certo no carnaval. Nesse segundo ano eu acho que foi melhor organizado do que o primeiro ano da prefeitura do Crivella, nosso desfile lá no centro teve uma estrutura legal. Eu acho que o que tem acontecido com as prefeituras, de uma forma até bacana em SP e BH, é que elas entenderam a vocação cultural e comercial do carnaval de rua.

Você tem que, na verdade, organizar porque a cidade não pode realmente fechar inteira em função do Carnaval. Tem toda uma vida na cidade para as pessoas que não estão envolvidas com o carnaval, mas é uma manifestação cultural, e também fonte de trabalho para muita gente, que deve ter sua expressão coordenada e incentivada pela prefeitura. Eu espero que, esse ano, a gente consiga avançar ainda mais na organização aqui no Rio.

Recentemente, alguns ativistas reclamaram de marchinhas antigas, alegando que elas escondem um preconceito velado. O que você acha dessa polêmica?

Eu acho que essa questão das marchinhas é uma questão do politicamente incorreto como um todo. Eu sou de uma geração mais antiga, curti muito as marchinhas nos bailes, elas são expressão da composição de grandes nomes da música brasileira, Braguinha, Lamartine Babo, João Roberto Kelly. Agora os assuntos, as formas como eles eram tratados naquela época, realmente, hoje, esses assuntos são discutidos, retratados e falados de uma outra maneira, o que eu acho bacana. Hoje a gente discute e traz à tona assuntos, preconceitos, que tem que ser discutidos de uma outra forma – de um modo positivo. Eu acho positivo esse movimento, de

jogar uma luz sobre uma produção cultural anterior, que retratava também preconceitos sobre certos grupos e que, hoje, não cabem mais.

Então, eu acho bacana você pegar e mudar um pouco o nome da marchinha. Agora, condenar os compositores antigos, eu acho que não. Você está tirando de um contexto de uma época em que isso culturalmente era normal e, ainda, está desvalorizado um trabalho musical sensacional. É uma obrigação dos nossos novos tempos lançar um outro olhar sobre as marchinhas.

O Monobloco se inspira muito na MPB. Você acha que o cenário atual deste ritmo está em decadência? Se sim, como contribuir para ter um novo ciclo áureo?

A resposta pra essa última pergunta, por si só, é uma resposta que já daria para uma outra entrevista inteira. Eu vou responder em duas partes:

Eu cresci ouvindo uma geração genial da música brasileira: Paulinho da Viola, Chico, Gil, Don Bosco, Elba Ramalho, Alceu, Djavan, Gal Costa. Todas essas fizeram muito sucesso e a qualidade musical era muito boa, muito rica. Hoje, o que está tocando é mais pobre do que antigamente.

Eu acho que antigamente havia uma mediação cultura e econômica das grandes gravadoras. Elas tinham os diretores músicas, uma galera que curtia muito a música e ali tinha um sarrafo de qualidade pra você lançar discos. Ou a galera até tinham os vendedores de discos mais populares, mas eu acho que as gravadoras investiam em coisas mais sofisticadas, os diretores das novelas, etc. A galera encomendava uma trilha do Sítio do Pica-Pau Amarelo da nata da MPB. Hoje em dia, com a descentralização da internet, o músico pode entrar em contato direto com o seu público – o que é um lado sensacional. Agora, tem coisas extremamente toscas que bombam na internet e viralizam e passam a ser um gênero que irá influenciar um monte de gente. Então, você tem uma expressão da periferia que pode

chegar direto aos seus públicos, o fenômeno do funk ele explica muito isso. Tem coisas que o poder econômico ainda determina bastante. O sertanejo, eu acredito que seja um pouco a expressão do Brasil do interior, do agronegócio, que veio com força para ocupar um espaço na música brasileira. A maneira como a música brasileira está se difundindo hoje em dia mudou completamente, indo um pouco direto entre quem produz e a massa. E aí, nesse caminho, são as evoluções que tao vindo aí.

Por outro lado, tem gente fazendo música muito bacana, apesar de estarem em nichos muito restritos e hoje em dia mais elitizados também. Compositores e cantores da pesada ainda fazem música muito boa, como Anavitória, Tiago Iorc, Céu, Samba do trabalhador, João Cavalcante, Pedro Miranda. Eu acho que a MPB não morreu, nem está em decadência, as forças do mercado simplesmente estão se expressando de maneiras diferentes.

E “vamo” lá, a música brasileira segue firme e forte! Valeu!

